

CANA IEIROS

uma revista Copercana



21º AGRONEGÓCIO COPERCANA

Explore o futuro na melhor
feira agro do país!

agronegocioscopercana.com.br



Internet e soluções digitais que abrem porteiros.

Serviços sob medida
para conectar e gerenciar
sua propriedade.

-  **Conectividade**
Levamos internet de qualidade
para sua propriedade.
-  **Gestão de Maquinário**
Acompanhe a performance
da sua frota.
-  **Gestão Pecuária**
Acompanhe o ciclo
de vida do seu rebanho.
-  **Estação Meteorológica**
Monitore o clima
e planeje o plantio.

CANA IEIROS

uma revista Copercana

Tiragem auditada por




Acesse nosso site
e fique por dentro
das novidades

RAÍZES FORTES



Menos fila e
economia
circular



Diretores da Copercana
participam do lançamento
da 31ª Fenasucro &
Agrocana

PODER DE OUTRO MUNDO NO COMBATE À CIGARRINHA, GARANTINDO A RENTABILIDADE DO CANAVIAL.



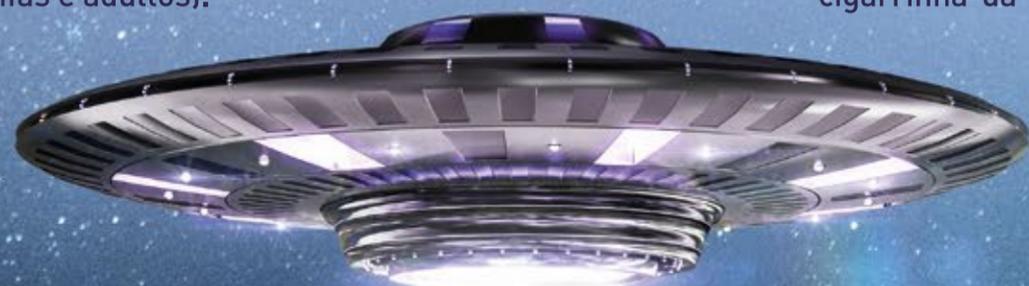
Máximo controle: único com ação em todo ciclo da cigarrinha (ovos, ninfas e adultos).



Máxima proteção: maior efeito de choque e período de controle.



Máxima rentabilidade: fortalece o canavial protegendo contra a cigarrinha-da-cana.



MAXSAN



DESCUBRA OS PODERES DO EFEITO 4MAX PARA ELIMINAR AS PRAGAS DO SEU CANAVIAL:



ATENÇÃO ESTE PRODUTO É PERIGOSO À SAÚDE HUMANA, ANIMAL E AO MEIO AMBIENTE; USO AGRÍCOLA; VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO; CONSULTE SEMPRE UM AGRÔNOMO; INFORME-SE E REALIZE O MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS; DESCARTE CORRETAMENTE AS EMBALAGENS E OS RESTOS DOS PRODUTOS; LEIA ATENTAMENTE E SIGA AS INSTRUÇÕES CONTIDAS NO RÓTULO, NA BULA E NA RECEITA; E UTILIZE OS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL.

Maxsan

IHARA
Agricultura
é a nossa vida

Editorial

A Revista Canavieiros chega à edição 215. E isso não é para qualquer veículo de comunicação. Lançada em 2006, a revista foi criada para o produtor rural que busca além de artigos técnicos, afinal, não é apenas de lavoura que o produtor quer e precisa saber. A vida vai muito além do campo e como qualquer outro profissional, o produtor pensa, busca sabedoria e espiritualidade, traça estratégias e convive em família.

Para garantir sua produtividade, o produtor precisa estar atento a todos os cenários, inclusive aos econômicos e políticos, e é por isso que a Revista Canavieiros vai muito além das informações de safra, ela busca todo o universo que envolve a cadeia produtiva. A cobertura de eventos e workshops do agro, leva ao produtor, o que está acontecendo em âmbito nacional, informações fundamentais para uma boa gestão rural.

Nossa equipe de jornalistas e editores, se pautam não apenas no que está acontecendo dentro da cooperativa e buscam as informações através de profissionais reconhecidos nacionalmente, além é claro, dos agrônomos e técnicos da cooperativa, que dispensam comentários sobre credibilidade e seriedade.

É através das publicações sobre as conquistas de nossos cooperados que mostramos que o sucesso não se resume a informações técnicas. A criatividade, aliada com a tecnologia e a sabedoria das gerações passadas que garantem, de verdade, uma boa safra. De nada adianta saber se vai chover ou fazer frio, se não souber como se comportar diante das intempéries climáticas.

É por isso que a Revista Canavieiros se tornou o principal meio de comunicação entre os cooperados, um elo fundamental entre a Copercana e o produtor rural, citada muitas vezes como referência em informações assertivas em congressos e palestras. Credibilidade de verdade? Não se conquista do dia para noite! São anos de dedicação e respeito com os nossos leitores, que param para ler a revista e não desperdiçam tempo com aquilo que estão cansados de saber.

Ética é o que praticamos nessas 215 edições, não induzindo nossos cooperados a fazerem aquilo que a cooperativa quer, mas o que é melhor para cada um deles. Afinal, cada um tem sua individualidade, qualidade que precisa ser respeitada e destacada.

Boa Leitura!

Editora da Revista Canavieiros - Carla Rossini

Expediente

Conselho Editorial:

Antonio Eduardo Toniolo
Augusto César Strini Paixão
Clóvis Aparecido Vanzella
Francisco César Urenha
Giovanni Bartoletti Rossanez
Juliano Bortoloti
Márcio Fernando Meloni
Oscar Bisson

Editora:

Carla Rossini - MTb 39.788

Projeto gráfico e Diagramação:

Joyce Sicchieri

Equipe de redação e fotos:

Fernanda Clariano e Marino Guerra

Comercial e Publicidade:

Marino Guerra
(16) 3946.3300 - Ramal: 9168
marinoguerra@copercana.com.br

Impressão:

São Francisco Gráfica e Editora

Revisão:

Lueli Vedovato

Tiragem desta edição:

29.980

ISSN:

1982-1530

Conselho editorial

A Revista Canavieiros é distribuída gratuitamente aos cooperados, associados e fornecedores do Sistema Copercana e Sicoob Cocred. As matérias assinadas e informes publicitários são de responsabilidade de seus autores. A reprodução parcial desta revista é autorizada, desde que citada a fonte.

Endereço da Redação:

A/C Revista Canavieiros
Rua Augusto Zanini, 1591
Sertãozinho/SP - CEP: 14.170-550
Fone: (16) 3946.3300 - (ramal 9168)
redacao@revistacanavieiros.com.br

revistacanavieiros.com.br
instagram.com/revistacanavieiros
facebook.com/RevistaCanavieiros

Sumário

18



Entrevista

Bruno Garcia assume presidência da Câmara Setorial de Açúcar, Etanol e Bioenergia e reforça compromisso com o setor

26



Notícias Copercana

Laboratório de análises de sementes de amendoim Copercana

10



ESPECIAL - 21º Agronegócios Copercana Uma edição preparada para ofertar os melhores negócios

36



Matéria capa Raízes fortes

31



Notícias Copercana

Copercana realizou sua Assembleia Geral Ordinária de 2025

64



Destaque

Expedição da agricultura para a vida leva capacitação técnica ao homem do campo

66



Destaque

Cana Substantivo Feminino reforça o protagonismo das mulheres no setor bioenergético



Escaneie o **Código QR** para acessar as edições anteriores.

CRÉDITO RURAL

Investir na sua produção
não precisa ser

COISA DE OUTRO MUNDO!

Não é ficção científica,
é cooperação!

Com o Crédito Rural da Cocred,
sua safra prospera sem
mistério: taxas mais justas,
prazos flexíveis e com um
atendimento personalizado.

- Investimento
- Comercialização
- Custeio
- Industrialização
- CPRF

Para fazer sua produção decolar,
fale com um de nossos gerentes.

Ouvidoria - 0800 725 0996
Atendimento seg. a sex. - 8h às 20h
www.ouvidoriasicoob.com.br
Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458

cocred.com.br
sicoobcocred

SICOOB COCRED

Fique por dentro das Novidades!

Descubra o que esperar da 21ª edição do Agronegócios Copercana

www.agronegocioscopercana.com.br

21º
AGRONEGÓCIOS
COPERCANA

Agronegócio Copercana chega à 21ª edição preparada para ofertar os melhores negócios

A tradicional feira promovida pela Copercana está de volta, celebrando sua 21ª edição como um dos maiores pontos de encontro para a realização de negócios agropecuários concretos, essa versão do evento foi especialmente preparada para proporcionar aos visitantes o acesso a um vigoroso portfólio de tecnologias, consolidadas e inovações, através do fechamento de acordos agressivos com os fornecedores proporcionando o já reconhecido diferencial de seu DNA. Preços e prazos diferenciados.

“É um evento pensado para oferecer oportunidades reais aos nossos cooperados. Eles sabem que aqui é lugar de fechar bons negócios”, destaca Antonio Eduardo Toniello, presidente do Conselho de Administração da cooperativa.

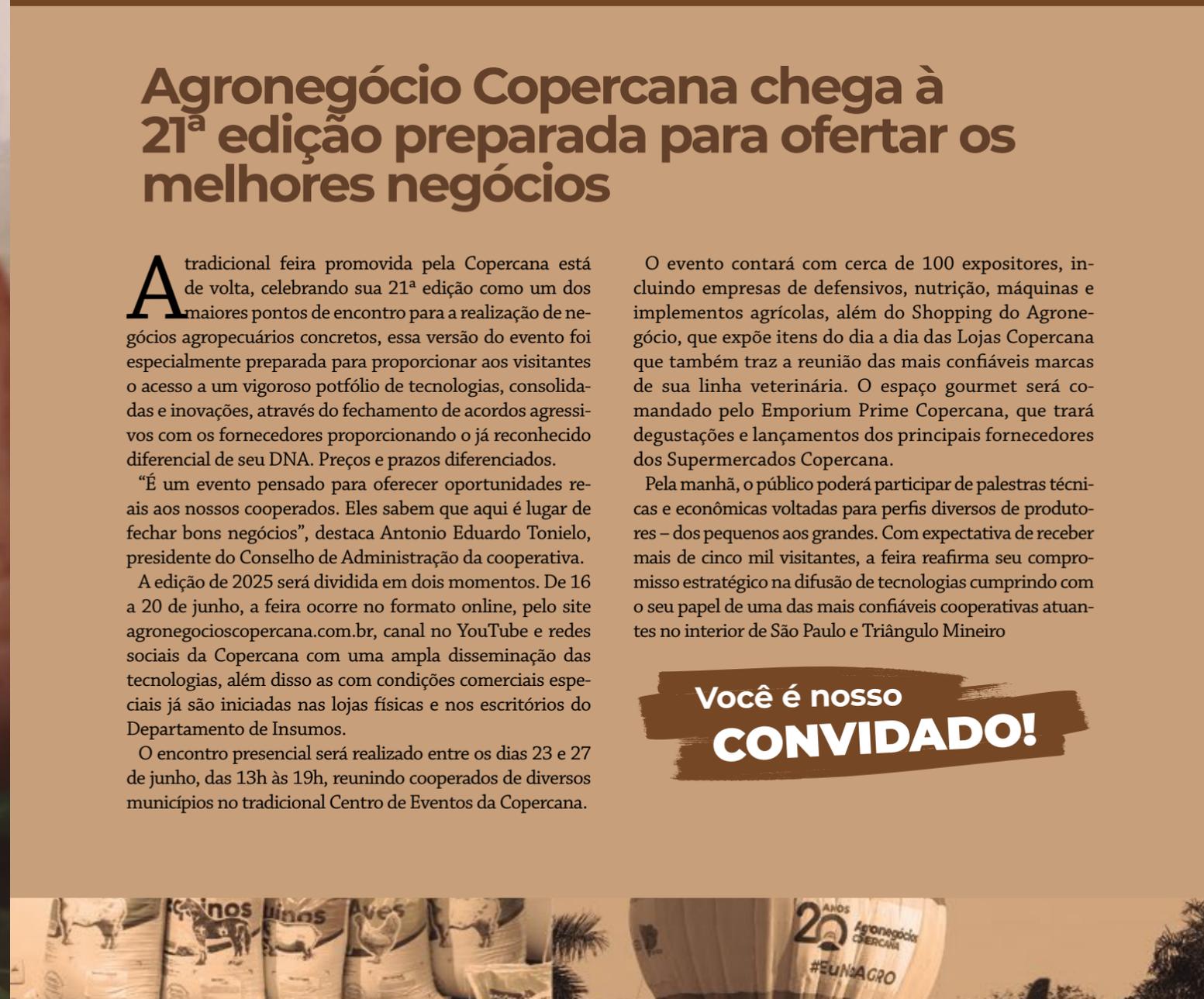
A edição de 2025 será dividida em dois momentos. De 16 a 20 de junho, a feira ocorre no formato online, pelo site agnonegocioscopercana.com.br, canal no YouTube e redes sociais da Copercana com uma ampla disseminação das tecnologias, além disso as com condições comerciais especiais já são iniciadas nas lojas físicas e nos escritórios do Departamento de Insumos.

O encontro presencial será realizado entre os dias 23 e 27 de junho, das 13h às 19h, reunindo cooperados de diversos municípios no tradicional Centro de Eventos da Copercana.

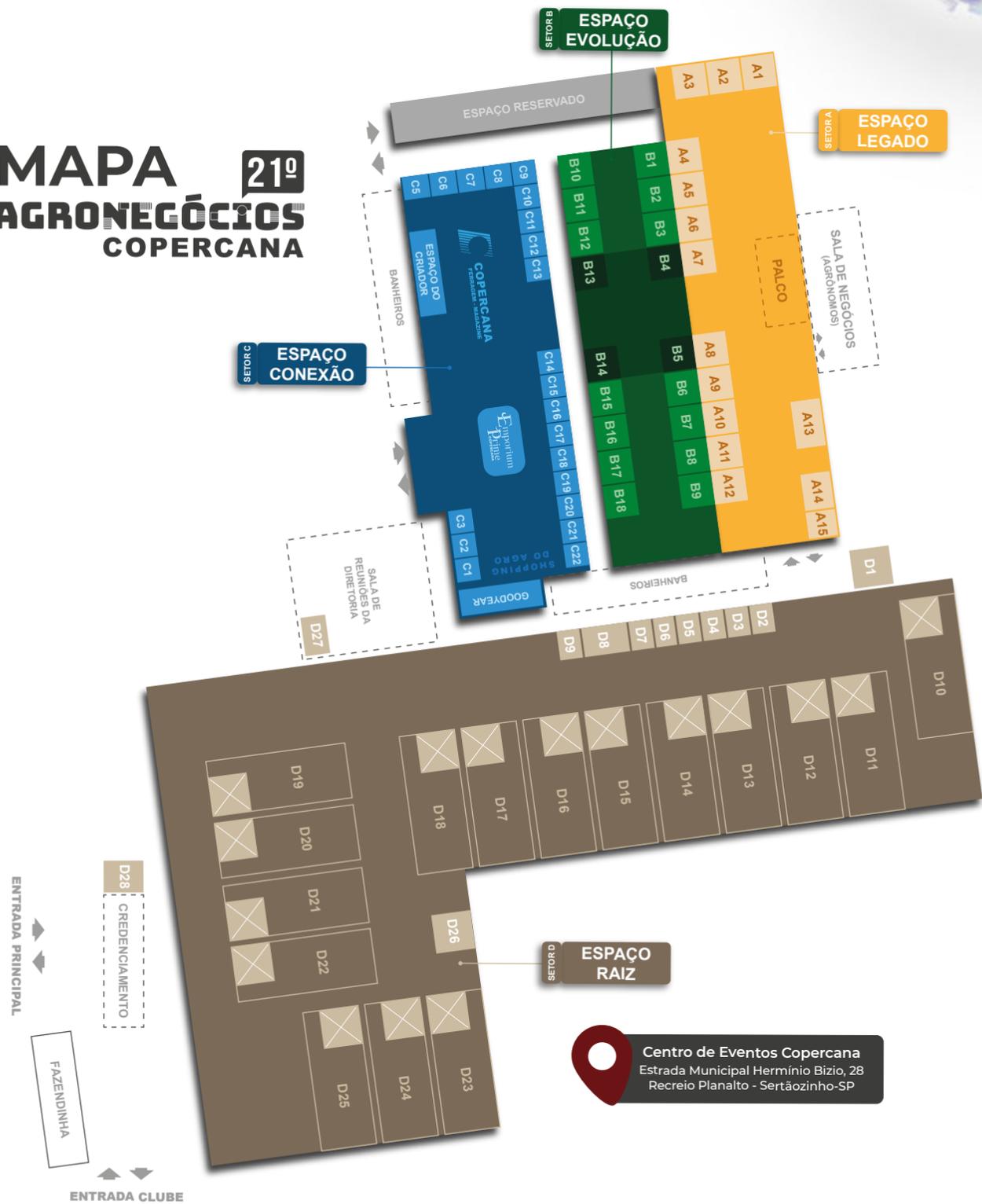
O evento contará com cerca de 100 expositores, incluindo empresas de defensivos, nutrição, máquinas e implementos agrícolas, além do Shopping do Agronegócio, que expõe itens do dia a dia das Lojas Copercana que também traz a reunião das mais confiáveis marcas de sua linha veterinária. O espaço gourmet será comandado pelo Emporium Prime Copercana, que trará degustações e lançamentos dos principais fornecedores dos Supermercados Copercana.

Pela manhã, o público poderá participar de palestras técnicas e econômicas voltadas para perfis diversos de produtores – dos pequenos aos grandes. Com expectativa de receber mais de cinco mil visitantes, a feira reafirma seu compromisso estratégico na difusão de tecnologias cumprindo com o seu papel de uma das mais confiáveis cooperativas atuantes no interior de São Paulo e Triângulo Mineiro

Você é nosso
CONVIDADO!



MAPA 21º
AGRONEGÓCIOS
COPERCANA



Centro de Eventos Copercana
Estrada Municipal Herminio Bizio, 28
Recreio Planalto - Sertãozinho-SP

ESPAÇO LEGADO | Setor A (amarelo)

| | | | |
|----|----------|-----|--------------------|
| A1 | Sumitomo | A9 | Nortox |
| A2 | FMC | A10 | Adama |
| A3 | UPL | A11 | Ourofino |
| A4 | Syngenta | A12 | Canaoeste |
| A5 | Bayer | A13 | Sicoob Cocred |
| A6 | Basf | A14 | Insumos & Unigrãos |
| A7 | Corteva | A15 | Copercana Seguros |
| A8 | Fassagro | | |

ESPAÇO EVOLUÇÃO | Setor B (verde e laranja)

| | | | |
|----|------------------|-----|----------------------|
| B1 | Euroforte | B10 | Massari |
| B2 | Koppert | B11 | Fertipar / Fertigran |
| B3 | Agro X | B12 | Eurochem |
| B4 | Ubyfol | B13 | Adulfertil |
| B5 | Yara | B14 | Serquímica |
| B6 | Ihara | B15 | Sipcam Nichino |
| B7 | Tecnomyl | B16 | União Agro |
| B8 | Mosaic | B17 | Vera Cruz |
| B9 | Agroceres Binova | B18 | Albagh |

ESPAÇO CONEXÃO | Setor C (azul)

| | | | |
|-----|------------------------|-----|--------------------------|
| C1 | Lagoa Bonita | C19 | Jacto |
| C2 | Nutrien | C20 | Bambozzi |
| C3 | Trap | C21 | Insetimax |
| C5 | DSM / Tortuga | C22 | Karcher |
| C6 | A Definir | | |
| C7 | Belgo | | Emporium Prime |
| C8 | Azul Pack | | Espaço do Criador |
| C9 | Magno Jet | | • Pearson Saude Animal |
| C10 | Stihl | | • Msd / Casa Das Vacinas |
| C11 | Chiaperini | | • Real H / Cmr Lab. Vet. |
| C12 | Dewalt | | • J.A Agron. |
| C13 | Fuzil / Sbardellini | | • Lab. Calbos |
| C14 | Marcon | | • Bimeda Brasil |
| C15 | Nutridani | | • Elanco Saude Animal |
| C16 | Ipiranga Lubrificantes | | • Ouro Fino |
| C17 | Baterias Moura | | • Vansil |
| C18 | Morlan | | • Agener / União Quim. |

ESPAÇO RAIZ | Setor D - Externo (vermelho)

| | | | |
|-----|--|-----|--------------------------------|
| D1 | Laboratório de Solos Agric. de Precisão | D15 | Sta Izabel / Rubemaq |
| D2 | Jacto Implementos | D16 | Tatu / Civemasa / Marchesan |
| D3 | Max Crop | D17 | Acton |
| D4 | Solo Fertil | D18 | Baldan |
| D5 | Votorantim | D19 | DMB |
| D6 | X Agro Solutions | D20 | Miac / Colombo |
| D7 | A Definir | D21 | Bombas Andrade |
| D8 | ESG | D22 | Menta Mit |
| D9 | Titan Pneus | D23 | Agro PL |
| D10 | Projeto Amendoim | D24 | Antoniosi |
| D11 | Casa do Drone | D25 | SN Agro |
| D12 | Drop | D26 | Guarani |
| D13 | KBM Dumont | D27 | Unimed |
| D14 | Kamaq | D28 | Revista Canavieiros |

Confira nossa equipe de atendimento do 21º Agronegócios Copercana

Máquinas, Implementos, Corretivos, Sementes e Amendoim



Carlos Biagi
Máquinas e Implementos Agrícolas



José Geraldo
Máquinas e Implementos Agrícolas



Marcio Sarni
Corretivo de solo (calcário e gesso)



Arthur Lourenço
Amendoim



Edgard Matrangolo
Amendoim



Ruan Biagi Betiol
Amendoim



Caio Barbosa
Soja



Gustavo Nogueira
Agricultura de Precisão

Defensivos e Fertilizantes



Anézio Meloni Neto
(Barretos-SP)



Antônio Pereira Junior
(Valparaíso-SP)



Antônio Toniolo
(Cravinhos-SP)



Arthur Feierabend Neto
(Serrana-SP)



Augusto Segatto Strini Paixão
(Morro Agudo-SP)



Bruno Borges Silva
(Paulo de Faria-SP)



Carlécio Azevedo
(Jaboticabal - SP)



Carlos Abel Madeira
(Pitangueiras-SP)



Edgard Lázaro Bighetti "Lazinho"
(Sertãozinho-SP)



Flávio Pontes Guidi
(Uberaba-MG)



Guilherme Toniolo Barbosa
(Sertãozinho-SP)



Gustavo Zemi Santana
(Guaira-SP)



Isabela Macca de Franceschi
(Santa Rita do Passa Quatro-SP)



João Marcelo Toniello
(Pontal-SP)



José Mário Silveira
(Serrana-SP)



José Roberto Ferracini
(Santa Cruz das Palmeiras-SP)



Leonardo Bighetti
(Monte Alto-SP)



Manoel Sichieri Neto "Manezão"
(Sertãozinho-SP)



Marcos de Felício
(Frutal-MG)



Marcos Gallacho
(Batatais-SP)



Murilo de Falco Souza
(Descalvado-SP)



Murilo Gozzo Fioco
(Porto Ferreira-SP)



Paulo Bighetti
(Ituverava-SP)



Raphael Bernardi Verri
(Campo Florido-MG)



Rodrigo Sverzut
(Viradouro-SP)



Victor Mattos
(Severinia - SP)

Confira na plataforma digital entre os dias 16 e 27 de junho o local de atendimento de cada representante

agronegocioscopercana.com.br

A **melhor feira** de
agronegócios do país!



PREÇOS ESPECIAIS

a partir do dia

16 DE JUNHO

podcast
AGRONEGÓCIOS
COPERCANA

Acompanhe nosso Podcast
de qualquer lugar

Entre em contato com seu **RTV**
(Representante Técnico de Vendas)
na **sua filial**

Online 16 a 27 de junho, siga a programação nas nossas mídias digitais

Presencial 23 a 27 de junho, das 13h às 19h | Centro de Eventos Copercana
Estrada Municipal Hermínio Bizio, 28 | Chácara Recreio Planalto | Sertãozinho | SP

14

Menores de 14
anos somente
acompanhados
do responsável.



Confira nossa
programação através
do nosso **Qr code**


COPERCANA

www.agronegocioscopercana.com.br



Bruno Garcia

Presidente da Câmara Setorial de Açúcar, Etanol e Bioenergia

Bruno Garcia assume presidência da Câmara Setorial de Açúcar, Etanol e Bioenergia e reforça compromisso com o setor

Fernanda Clariano

Com a missão de fortalecer o diálogo entre produtores, governo e demais agentes do setor, Bruno Garcia assume a presidência da Câmara Setorial de Açúcar, Etanol e Bioenergia em um momento estratégico: a reativação do colegiado após três anos de inatividade. Em entrevista, Garcia destaca a importância dessa organização para impulsionar a competitividade do setor, fomentar políticas públicas e consolidar o Brasil como referência mundial em bioenergia. Confira!

Revista Canavieiros: Como recebeu a notícia de sua nomeação como presidente da Câmara Setorial de Açúcar, Etanol e Bioenergia?

Bruno Garcia: Recebi a notícia com grande honra e um profundo senso de responsabilidade. Assumir a presidência desta Câmara Setorial, especialmente no momento crucial de sua reativação, é um desafio que me motiva muito. Acredito firmemente no potencial do nosso setor

e estou entusiasmado com a oportunidade de trabalhar em conjunto com todos os elos da cadeia produtiva para impulsionar o crescimento sustentável do açúcar, do etanol e da bioenergia em nosso estado e no país.

Revista Canavieiros: Qual a importância da reativação da Câmara Setorial após três anos inativa?

Garcia: A reativação da Câmara Setorial é de suma importância para o setor sucroenergético. Nesses três anos de inatividade, perdemos um espaço fundamental de diálogo, articulação e construção de soluções conjuntas para os desafios que surgiram e para as novas oportunidades que se apresentaram. Reativar a Câmara significa restabelecer um fórum essencial para que a cadeia produtiva possa alinhar estratégias, debater temas relevantes, buscar sinergias e, principalmente, fortalecer a representatividade do setor perante o governo e a sociedade. Em um cenário dinâmico como o nosso, a união e

a troca de informações são imprescindíveis a sustentabilidade e competitividade do setor em longo prazo.

Revista Canavieiros: Como pretende atuar para fortalecer o diálogo entre produtores, governo e demais agentes do setor?

Garcia: Minha gestão será pautada pela abertura ao diálogo e pela busca constante por consenso. Pretendo promover reuniões regulares e transparentes com todos os representantes da Câmara, criando um ambiente de confiança e colaboração. Além disso, buscaremos estreitar o relacionamento com as diversas esferas do governo, apresentando as demandas e as potencialidades do setor de forma clara e embasada. Também é fundamental envolver outros agentes relevantes, como instituições de pesquisa, universidades e a sociedade civil, para construirmos juntos um futuro promissor para o setor sucroenergético. Acredito que a comunicação eficaz e a construção de pontes entre os diferentes atores são a chave para o fortalecimento do nosso setor.

Revista Canavieiros: Quais serão as primeiras ações sob sua gestão para impulsionar o setor sucroenergético?

Garcia: Nosso primeiro passo será mapear os principais desafios e prioridades do setor junto aos representantes do setor na câmara setorial. Também iniciaremos um trabalho de atualização da agenda regulatória, identificando gargalos e oportunidades para destravar investimentos e ampliar a competitividade do setor. Pretendemos também priorizar temas urgentes, como a questão tributária, combate aos incêndios, questões ambientais que impactam toda a cadeia produtiva. Além disso, buscaremos fortalecer a imagem do setor sucroenergético como um agente fundamental para a transição energética e para o desenvolvimento econômico e social do país.

Revista Canavieiros: O setor sucroenergético tem um papel crucial na transição energética do Brasil. Como a Câmara pode contribuir nesse processo?

Garcia: O setor sucroenergético é, sem dúvida, um pilar da transição energética brasileira. O Brasil já é referência mundial em bioenergia, e a Câmara Setorial

pode desempenhar um papel fundamental na construção de políticas que valorizem ainda mais essa vocação. Podemos promover a discussão e a disseminação de tecnologias mais eficientes e sustentáveis na produção de etanol, açúcar e bioenergia. Precisamos ampliar o reconhecimento do etanol como um combustível essencial para a descarbonização da matriz energética, incentivar o biogás e o biometano, além de garantir marcos regulatórios que estimulem investimentos em novas tecnologias. Podemos também articular junto ao governo a criação de políticas públicas que incentivem a produção e o consumo de biocombustíveis, bem como a geração de energia a partir da biomassa da cana. Além disso, a Câmara pode ser um importante canal para comunicar à sociedade os benefícios ambientais e econômicos do etanol e de outras fontes de energia renovável produzidas a partir da cana.

Revista Canavieiros: Quais os principais desafios que o setor sucroenergético enfrenta atualmente em São Paulo e no Brasil?

Garcia: Entre os principais desafios, destacam-se a necessidade de um ambiente regulatório mais previsível, a volatilidade dos preços dos combustíveis fósseis que impacta a competitividade do etanol, e a urgência de políticas de financiamento que incentivem investimentos em inovação e sustentabilidade. Temos também a necessidade de agregar novas tecnologias que não só tragam mais eficiência nas operações, mas tragam mais produtividade no campo e na indústria.

Revista Canavieiros: Como a Câmara pretende atuar na defesa de políticas públicas que impulsionem o setor?

Garcia: Para isso, iremos fortalecer nossa capacidade de análise e de elaboração de propostas consistentes e embasadas em dados técnicos e econômicos. Buscaremos o diálogo constante com os parlamentares e com os órgãos governamentais competentes, apresentando as demandas do setor e mostrando a sua importância para a economia, o meio ambiente e a sociedade. Também iremos trabalhar em parceria com outras entidades representativas do setor para ampliar nossa capacidade de influência e garantir que as políticas públicas adotadas sejam favoráveis ao desenvolvimento sustentável do setor sucroenergético.

Revista Canaveiros: A cana-de-açúcar já é reconhecida como uma importante fonte de energia limpa. Quais novas oportunidades podem ser exploradas para ampliar sua participação na matriz energética?

Garcia: A cana-de-açúcar oferece um leque de oportunidades para ampliar sua participação na matriz energética brasileira. Além do etanol e da bioeletricidade já consolidados, podemos explorar o potencial do biogás e do biometano. Há também um grande potencial no desenvolvimento de bioquímicos e bioplásticos a partir da biomassa da cana, agregando ainda mais valor à produção. Com o avanço das tecnologias do etanol de segunda geração (E2G), o setor pode se tornar ainda mais sustentável e competitivo. Outra fronteira promissora e de mais longo prazo é a produção de combustível sustentável de aviação (SAF) a partir do etanol. A Câmara Setorial pode atuar como um catalisador dessas novas oportunidades, incentivando a pesquisa, a inovação e a criação de um ambiente regulatório favorável a esses avanços.

Revista Canaveiros: Em relação ao Programa Etanol Mais Verde, qual será o foco dessa nova gestão? Mudanças e melhorias estão sendo planejadas?

Garcia: O Programa Etanol Mais Verde tem sido um exemplo de como o setor pode crescer de forma sustentável. Nosso foco será aprimorar suas diretrizes, garantindo incentivos para as boas práticas agrícolas, o uso eficiente dos recursos hídricos e a redução das emissões. Além disso, pretendemos fortalecer a interlocução com o governo para ampliar o alcance do programa e assegurar sua continuidade.

Revista Canaveiros: Como vê o papel do Brasil no cenário global de bioenergia e sustentabilidade?

Garcia: O Brasil tem um papel de liderança no cenário global de bioenergia e sustentabilidade. Nosso país possui uma vasta área cultivável, tecnologia avançada na produção de cana-de-açúcar e um histórico de sucesso na produção e uso de etanol. Acreditamos que

o Brasil pode e deve continuar a ser um protagonista na transição energética global, oferecendo soluções renováveis e sustentáveis para outros países. A Câmara Setorial pode contribuir para fortalecer essa posição, promovendo a troca de experiências e tecnologias com outros países, participando de fóruns internacionais e divulgando os avanços e as boas práticas do setor sucroenergético brasileiro.

Revista Canaveiros: Quais estratégias podem ser adotadas para aumentar a produção e exportação de etanol e bioenergia para outros países?

Garcia: É fundamental investir em pesquisa e desenvolvimento para aumentar a produtividade e a eficiência da produção de cana e de seus derivados. Precisamos também melhorar a infraestrutura logística, facilitando o transporte e o armazenamento dos produtos. A abertura de novos mercados e a negociação de acordos comerciais favoráveis são essenciais para expandir as exportações. Para ampliar nossa presença global, é fundamental investir na certificação internacional do etanol como combustível sustentável, fortalecer acordos bilaterais que favoreçam sua exportação e desenvolver incentivos que alcancem todos os elos da cadeia produtiva, tornando o produto mais competitivo no mercado externo. Além disso, é importante fortalecer a imagem do etanol e da bioenergia brasileira como fontes de energia limpa e sustentável, mostrando seus benefícios ambientais e econômicos para outros países.

Revista Canaveiros: Qual mensagem deixaria para os produtores e empresários do setor que esperam avanços com essa nova fase da Câmara Setorial?

Garcia: Minha mensagem é de otimismo e de convite à união. Estamos iniciando uma nova fase da Câmara Setorial com o objetivo de promover avanços significativos para o nosso setor. Conto com a participação ativa de todos para construirmos juntos um futuro mais próspero e sustentável para o setor sucroenergético. Acredito que, com diálogo, colaboração e muito trabalho conjunto, seremos capazes de superar os desafios e aproveitar as inúmeras oportunidades que se apresentam. 🌱

21º AGRONEGÓCIOS COPERCANA

Explore o futuro
na melhor feira
agro do país!

16 a 27
de Junho
2025

Online

16 a 27 de junho

Siga a programação nas nossas redes sociais

Presencial

23 a 27 de junho, das 13h às 19h

Centro de Eventos Copercana

Estrada Municipal Hermínio Bizio, 28

Chácara Recreio Planalto | Sertãozinho-SP



Mário Murakami

Pesquisador do CNPEM – Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais

Nova enzima brasileira promete revolucionar a produção de biocombustíveis

Fernanda Clariano

Na mais recente edição da Revista Canavieiros, Mário Murakami, pesquisador do CNPEM – Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais, compartilha detalhes inovadores sobre a descoberta da enzima CelOCE, que promete revolucionar o setor de bioenergia. Com um mecanismo de ação inédito e desempenho superior ao das tecnologias anteriores, a CelOCE representa um avanço promissor na valorização da biomassa vegetal, especialmente para a produção de etanol de segunda geração e biocombustíveis de aviação. Nesta entrevista exclusiva à Revista Canavieiros, o pesquisador revela os bastidores dessa conquista científica, os desafios do processo e o potencial de impacto ambiental e econômico dessa inovação genuinamente brasileira. Confira!

Revista Canavieiros: Como a enzima CelOCE foi encontrada, quem participou do processo?

Mário Murakami: A enzima foi descoberta a partir da

hipótese de que microrganismos habitando solos recobertos por biomassa vegetal tivessem capacidades metabólicas aprimoradas para utilizar a celulose como fonte de energia. A partir dessa hipótese, uma abordagem interdisciplinar levou a identificação de um novo gene sem função ainda conhecida que mostrou clivar a celulose de forma oxidativa. Essa pesquisa envolveu dezenas de pesquisadores principalmente do CNPEM bem como outras universidades brasileiras e de outros países.

Revista Canavieiros: Houve alguma dificuldade específica?

Murakami: O estudo é bastante amplo e interdisciplinar e o maior desafio foi harmonizar e engajar essa equipe tão diversa envolvendo experimentos de alta complexidade.

Revista Canavieiros: O que diferencia a CelOCE de outras enzimas que atuam na manipulação da celulose?

Murakami: A CelOCE tem um modo de ação único, agindo nas extremidades das cadeias de celulose, que potencializa a ação de enzimas clássicas como as celulasas hidrolíticas. A sua grande vantagem está no notável efeito potencializador que supera outras enzimas auxiliares como as monooxigenases.

Revista Canavieiros: Explique de maneira simplificada como ocorre o mecanismo de clivagem oxidativa realizado pela CelOCE?

Murakami: A enzima é autossuficiente, gerando seu cosubstrato, a molécula de peróxido de hidrogênio. Isso garante sua máxima atividade sob condições industriais, o que diferencia essa enzima de outras até então conhecidas. Seu modo de ação é na extremidade da cadeia da celulose, algo também não descrito para enzimas oxidativas. Essas duas características explicam seu notável efeito potencializador de celulasas clássicas.

Revista Canavieiros: Em termos práticos, como essa descoberta pode impactar a produção de etanol de segunda geração?

Murakami: A enzima foi incorporada em uma plataforma tecnológica e foi validada em escala industrialmente relevante, especificamente em planta piloto. E o ganho obtido excede a última grande revolução no campo de pesquisa, que foram as monooxigenases. Em condições industriais, a enzima aumenta a eficiência em ~20%, algo bastante significativo para a área de bioenergia.

Revista Canavieiros: Qual é o potencial de aplicação da CelOCE na produção de biocombustíveis para aviação?

Murakami: A enzima aumenta a eficiência de geração de açúcares fermentescíveis, levando a produção de mais etanol para ATJ (rota tecnologia Alcohol-to-Jet Fuel) ou para fermentação microbiana, gerando ácido graxo para a rota HEFA (Ésteres e Ácidos Graxos Hidroprocessados).

Revista Canavieiros: Além dos biocombustíveis, há outras áreas da indústria que podem se beneficiar dessa descoberta?

Murakami: Como mencionado acima, a enzima potencializa a liberar mais açúcares da celulose, portanto, qualquer bioproduto pode ser produzido com esses açúcares liberados pela ação da enzima.

Revista Canavieiros: Considerando os desafios ambientais atuais, qual o potencial dessa enzima para tornar os processos industriais mais sustentáveis?

Murakami: A enzima aumenta a eficiência de valorização de resíduos agroindustriais, o que significa em processos industriais mais sustentáveis. Sua aplicação é direta e já está implementada em um pacote tecnológico validado em ambiente industrialmente relevante.

Revista Canavieiros: Existem desafios para a aplicação em larga escala da CelOCE? Já há testes em andamento para viabilizar essa implementação?

Murakami: A descoberta foi demonstrada em ambiente industrialmente relevante e está pronta para transferência para o setor privado.

Revista Canavieiros: Como essa descoberta posiciona o Brasil na pesquisa de novas soluções para energias renováveis?

Murakami: Essa descoberta dá uma vantagem competitiva ao Brasil, aumentando a viabilidade de biorrefinarias no Brasil, sendo os biocombustíveis uma classe de bioprodutos centrais para transição energética.

Revista Canavieiros: Há parcerias do setor para acelerar o desenvolvimento e aplicação dessa tecnologia?

Murakami: Estamos nesse momento discutindo com empresas para licenciar essa descoberta, porém, as negociações se mantem em sigilo.

Revista Canavieiros: Quais são os próximos passos da pesquisa com a CelOCE? Existe a possibilidade de descobrir outras enzimas com potencial semelhante?

Murakami: O próximo passo é transferir a descoberta ao setor de bioenergia. No ponto de vista científico é descobrir genes ortólogos para expandir esse novo campo de pesquisa. 



João Bosco Salomão

Presidente da Canacampo

Marino Guerra

Raízes fortes e visão de futuro

Em Campo Florido, no Triângulo Mineiro, tradição e inovação caminham lado a lado nos canaviais, sendo a Canacampo (Associação dos Fornecedores de Cana da Região de Campo Florido-MG) como ponto focal.

Mantendo a estratégia de ter na liderança representantes da segunda geração de produtores, João Bosco Salomão assumiu a presidência da associação sucedendo a Juninho de Mello, que entregou o cargo para o colega já com um projeto focado no futuro dos produtores associados.

Sempre com respeito às lições da primeira região que transformaram a região num dos pólos mais prósperos, não apenas da cana-de-açúcar, mas do agronegócio nacional, a missão de Salomão é aumentar a participação dos associados e para isso ele conta o seu plano numa entrevista exclusiva para a Revista Canavieiros.

Ele também fala de sua visão como produtor, o que não é muito diferente dos objetivos da associação, focado no crescimento contínuo e atenção às inovações, mas sempre respeitando o tempo certo das coisas.

Revista Canavieiros: João, conta um pouquinho da sua trajetória e da sua família aqui em Campo Florido na agricultura?

João Bosco Salomão: Nós começamos aqui com meu pai (Vilmar Roge Salomão, in memoriam), que na época começou com plantio de soja. Ele praticamente desbravou o cerrado por aqui. Depois de um tempo, ele teve algumas dificuldades e aí entrou meu tio (Dr. Alemar Roge Salomão), que é médico no Rio de Janeiro. Ele começou a ganhar dinheiro com a medicina e decidiu investir aqui na região, assim os dois acabaram virando sócios.

Revista Canavieiros: Sempre em Campo Florido/MG?

João Bosco: Sempre. Campo Florido e algumas áreas em Pirajuba. Eles investiram em fazenda juntos, um entrou com as máquinas, o outro com o dinheiro. Começaram com soja, mas quando a usina Coruripe veio pra região e as áreas viraram cana. O negócio foi crescendo, através da compra de mais áreas em conjunto.

Revista Canavieiros: E hoje, como está estruturada essa operação?

João Bosco: Hoje temos cerca de 6 mil hectares de cana, os quais, cerca de 80% são do dr. Alemar, meu tio. Os outros 20%

são da sociedade dele com meu pai. Temos ainda áreas dos irmãos, de uma tia e também áreas que pegamos da usina, que repassou para a gente.

Revista Canavieiros: E você administra tudo isso?

João Bosco: Sim, faço toda a administração, são seis mil hectares de cana, dois mil de soja em áreas irrigadas e uma estrutura de armazenamento em Pirajuba.

Revista Canavieiros: Como você conseguiu chegar na liderança de uma operação agrícola desse tamanho?

João Bosco: Formei em 1998 em agronomia pela UFLA (Universidade Federal de Lavras). Trabalhei em empresas e multinacionais do setor de insumos até 2010, quando recebi o convite do meu pai e do meu tio para vir ajudar.

Revista Canavieiros: E aí foi a hora de colocar esse conhecimento adquirido externamente dentro da fazenda?

João Bosco: Eu trouxe a técnica. A prática do campo é outra realidade. Aprendi demais com meu pai, desde lidar com as pessoas até as particularidades da lavoura. A experiência de campo é o que sempre moldou a nossa gestão.

Revista Canavieiros: E a sucessão familiar, como está?

João Bosco: Já está vindo um neto do meu tio, que está entrando no negócio. A tendência é a estrutura crescer ainda mais, inclusive com expansão da área de cana-de-açúcar.

Revista Canavieiros: Como é essa sua estratégia de expansão?

João Bosco: A ideia é crescer com cana-de-açúcar. A soja está mais para rotação e áreas irrigadas. Estamos investindo em pivô central para irrigar cana — este ano mesmo já temos um funcionando.

Revista Canavieiros: Quais as expectativas com a irrigação?

João Bosco: A expectativa é aumentar produtividade. A cana irrigada deve se pagar em cerca de três safras. Mas tudo vai depender da água, hoje nosso maior desafio é recurso hí-

drico, têm regiões que já estão saturadas de pivôs e não tem mais vazão suficiente no rio.

Revista Canavieiros: Vamos falar agora de Canacampo. Quando você começou a se envolver mais com a associação?

João Bosco: Entrei na chapa do Daine Frangosiem 2019. Na pandemia, a Canacampo e outras entidades deram uma “murchada”, as reuniões eram todas online, esfriou bastante. Quando o Juninho de Mello assumiu, decidimos nos reinventar. Mostrar a cara para o fornecedor, ele saber que a associação existe para o benefício dele, que estamos aqui para intermediar o diálogo com a usina. Um só produtor não consegue ter voz. A associação é essencial nesse papel.

Revista Canavieiros: E hoje, conseguiram trazer os produtores de volta?

João Bosco: Estamos nesse trabalho. Melhorou muito desde o fim da pandemia, mas ainda é uma batalha. Estamos ampliando o foco da Canacampo. Antes era só cana. Mas hoje os fornecedores da usina Coruripe também trabalham com soja, milho, amendoim. Então entendemos que a associação pode representar o produtor em todas essas culturas.

Revista Canavieiros: E a soja, como vocês estão trabalhando com ela?

João Bosco: Este ano é o primeiro em que estamos realmente mostrando a cara da Canacampo na soja. A ideia é trazer tecnologia, prestar serviços e levar informações para os produtores, assim como fazemos com a cana.

É preciso lembrar que a região da Canacampo é tradicionalmente de soja, tanto que levamos muita tecnologia da lavoura de grãos para os canaviais, e isso foi um dos principais fatores que nos levou ao sucesso que temos na cana. Eu brinco que se considerarmos o investimento e cuidado, a cana está virando uma grande lavoura.

Revista Canavieiros: E sobre o amendoim, como você vê essa cultura na região?

João Bosco: Ainda está bem tímido. Poucos produtores plantaram. O amendoim exige mais aplicações e máquinas específicas. Mas é uma cultura promissora, só precisa de mais trabalho técnico e apoio. 🌱



Laboratório de análises de sementes de amendoim Copercana

A semente é um dos principais insumos para garantir o sucesso e a rentabilidade de uma lavoura. Com a criação do Projeto Amendoim Copercana a partir da safra 2006/2007, a Copercana se viu obrigada a se capacitar para aten-

der os produtores nesse quesito, de acordo com a legislação do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e, ao longo dos anos, foi conquistando todos os credenciamentos necessários para esse fim.

Em 2008, obteve os primeiros RENASENS (Registro Nacional de Sementes e Mudanças), são eles:

- RENASEM de Produtor de Sementes;
- RENASEM de Beneficiador de Sementes;
- RENASEM de Armazenador de Sementes;
- RENASEM de Comerciante de Sementes.

Em 2018, teve mais uma grande conquista, que foi o RENASEM de Certificação da Produção Própria, ganhando maior agilidade para produzir e entregar ao cooperado sementes de alto padrão e qualidade.

Em 2019, conquistou sua última etapa e a mais importante, que foi o RENASEM de Laboratório de Análise de Sementes, no qual possibilita a Copercana uma maior confiabilidade nos resultados de análises de sementes, e consequentemente, maior agilidade em fornecer sementes aos cooperados.

Neste cenário, o Laboratório de Análises de Sementes Copercana (LAS Copercana) desempenha um papel fundamental para validar a qualidade das sementes, que é determinante para o sucesso das lavouras. Sementes de alta qualidade não apenas garantem uma germinação uniforme, mas também contribuem para a saúde geral da planta, resistência a doenças e pragas e, consequentemente, garante uma produção agrícola com rentabilidade e sustentabilidade.

O LAS – Laboratório de Análises de Sementes Copercana, possui um rigoroso controle de qualidade. Seguem abaixo os parâmetros analisados internamente:

- **Determinação da Taxa de Germinação:** testes de germinação verificam a porcentagem de sementes que irão germinar sob condições ideais. Isso ajuda os produtores a calcular a quantidade de sementes necessárias para alcançar a densidade de plantio desejada. A Instrução Normativa (IN) MAPA 45 de 18 de setembro de 2013 estabelece limite mínimo de germinação de 70%.
- **Análise de Pureza:** este teste determina a quantidade de sementes puras em um lote, bem como a presença de sementes de outras espécies ou materiais inertes. A pureza das sementes é crucial para evitar contaminações indesejadas e garantir uma colheita uniforme. Essa análise é realizada de acordo com a IN 45 – Anexo II.
- **Determinação de outras sementes por número (DOSN):** esse teste determina se existem

outras sementes cultivadas, nocivas e proibidas dentro do mesmo lote de sementes de amendoim.

Para garantir essa qualidade, o controle deve ser feito de forma sistemática e rigorosa. As principais etapas incluem:

- **Amostragem do lote:** amostragem representativa do lote é realizada para garantir que todas as análises sejam precisas e confiáveis.
- **Recepção:** assim que a amostra chega ao laboratório, é realizado registro das informações para manter toda a rastreabilidade.
- **Relatórios e Certificação:** após a realização dos testes, um certificado ou termo detalhado é gerado. Esse documento é essencial para os produtores cooperados, pois oferece uma garantia de qualidade e uma base para a tomada de decisão para o plantio, pois nesses documentos são apresentados os resultados analíticos de todas as análises realizadas pelo LAS – Laboratório de Análises de Sementes Copercana. Outros documentos são emitidos, como o de relatórios de amostras prévias, e para comercialização das sementes é emitido um Boletim de Análise de Semente conforme exigência da Regra de Análise de Semente (RAS).



Para realizar as análises de controle de qualidade, o LAS Copercana utiliza uma variedade de equipamentos e reagentes para garantir a precisão e a confiabilidade dos resultados. Entre os principais estão:

- Mesa da homogeneização e obtenção de amostra de trabalho;
- Balanças analíticas calibradas;
- Peso padrão para verificação diária das balanças;
- Germinadores horizontais;
- Germinador vertical tipo Mangelsdorf;

- Germinador vertical tipo Bio-chemical Oxygen Demand (BOD);
- Termo hidrômetros para garantir as temperaturas ideais;
- Estufa calibrada;
- Papel germinativo de alta qualidade;
- Lupa de mesa com LED;
- Microscópio Monocular com aumento máximo de 400x.

O LAS possui imagens ilustrativas e uma coleção de semente com mais de 50 sementes entre nocivas toleradas e proibidas, além de uma biblioteca para consulta de livros bases como RAS, normas ABNT NBR ISO/IEC 17025/2017, IN 09/2005, IN 40/2010, IN 45/2013, IN 46/2013, manual de identificação e controle de plantas daninhas, glossário ilustrado de morfologia e manual de análise sanitária de semente.

O LAS - Laboratório de Análises de Sementes Copercana é um laboratório credenciado pelo MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) com sistema de gestão da qualidade implantado baseado na norma ISO 17025/2017. Os Procedimentos e Requisitos Gerenciais e Técnicos descrevem as atividades desenvolvidas, tanto técnicas quanto de equipamentos e administrativas, necessárias para implantar e desenvolver os elementos do sistema da qualidade. Os ensaios realizados nas sementes possuem total confiabilidade e rastreabilidade. O Sistema de Gestão da Qualidade do LAS busca garantir a qualidade das análises realizadas em conformidade com as exigências da norma, visando à melhoria contínua desse sistema. O Sistema de Gestão da Qualidade dispõe de



documentos fundamentais para seu bom funcionamento. São eles: Manual da Qualidade (MQ) onde estão as orientações para gerenciamento do LAS, tendo como base as referências normativas. Também estão incluídos no Sistema de Gestão do LAS, o Procedimento Operacional, onde estão todas as descrições de análises realizados pelo LAS.

Para manter o credenciamento junto ao MAPA e manter a qualidade nas análises de sementes de amendoim realizadas, o LAS conta com parceiros consultores altamente qualificados e de nome no mercado de sementes, no qual desenvolvem trabalhos de melhorias, adequações e frequentemente realizam audito-

rias internas no LAS para verificar o cumprimento dos procedimentos estabelecidos. Além disso, com o objetivo de sempre buscar por melhoria contínua no sistema de gestão e operação, a equipe do LAS participa de treinamentos, com o objetivo de reciclar e obter novos conhecimentos normativos e legislativos. 🌱

“Sementes de amendoim Copercana, procedência comprovada e alto padrão de qualidade”.



SEJA UM

cooperado
COPERCANA!

#Orgulho de ser Agro



Garanta acesso a **preços exclusivos e condições especiais** em uma das **maiores cooperativas do Agronegócio do País.**

Para mais informações acesse o site:
copercana.com.br





Menos fila e economia circular

A entrada em funcionamento da caldeira de secagem de amendoim e soja movida através da queima da palha da casca do amendoim na Unidade de Grãos 1 (Sertãozinho/SP) da Copercana marca mais uma ação sustentável da cooperativa.

Do ponto de vista ambiental, ela representa o aproveitamento da casca do amendoim, resíduo do processo de debulha que acontece no Complexo Industrial localizado na Unidade de Grãos 3 (Cruz das Posses). Além disso, ela deixará de queimar gás (no caso do amendoim) e lenha (para a soja), o que representa diminuição da emissão de carbono na atmosfera.

A retirada do gás e da lenha do processo, também justifica o investimento na caldeira pensando nos aspectos de desempenho financeiro da cooperativa, pois ela joga pra baixo o custo de combustível da estrutura de secagem ao substituir por um resíduo (casca do amendoim).

Há ainda o lado social, a instalação da caldeira representa a diminuição da fila de espera dos caminhões,

estima-se que a velocidade de secagem aumente numa média de 70% (ainda não dá para cravar um valor, pois a safra não terminou) no caso do amendoim, fazendo com que a economia envolvida no processo (numa cadeia que envolve desde os caminhoneiros até o produtor rural) também se movimente de maneira mais rápida. 🌱



A palha da casca do amendoim pega fogo antes mesmo de chegar ao chão da fornalha. O calor gerado aquece um recipiente com água em pressão que produz o vapor que será utilizado na secagem do amendoim e da soja

Copercana realizou sua Assembleia Geral Ordinária de 2025

Com a presença da diretoria executiva, conselheiros, cooperados, colaboradores e representante da auditoria externa, aconteceu no dia 26 de março a Assembleia Geral Ordinária da Copercana de 2025 que analisou o desempenho da cooperativa referente ao exercício de 2024.

Após a aprovação da ordem do dia pelos cooperados presentes, o presidente do conselho de administração da Copercana, Antonio Eduardo Toniello, ressaltou que

embora o período tenha sido muito desafiador para as cooperativas agropecuárias paulistas, o trabalho da diretoria e dos colaboradores da Copercana precisa ser reconhecido por manter as contas positivas.

Dentre os resultados apresentados, os de maior destaque foi o faturamento consolidado de R\$ 4,85 bilhões e o patrimônio líquido de R\$ 566 milhões, além disso, a Copercana fechou 2024 formada por 8.055 cooperados e 1.828 colaboradores. 🌱



CONSÓRCIO DA SICOOB COCRED É SOLUÇÃO ESTRATÉGICA E ACESSÍVEL PARA IMPULSIONAR A PRODUÇÃO NO CAMPO

Cooperativa oferece a menor taxa de administração do mercado para aquisição de imóveis, veículos, equipamentos e serviços.

O agronegócio brasileiro enfrenta um cenário desafiador, agravado pela elevação da taxa Selic, suspensão das linhas de crédito do Plano Safra 2024/2025 e atraso na aprovação da Lei Orçamentária Anual. Essas incertezas econômicas pairam, principalmente, sobre pequenos e médios produtores rurais, maioria quantitativa no país.

Desde que foi criado, o Plano Safra se consolidou como importante ferramenta de fomento do setor agropecuário brasileiro. Entretanto, nos últimos anos, o governo federal encontra dificuldade para adaptá-lo aos desafios econômicos e atender a real demanda do segmento, que é muito grande. Isso exige dos produtores a busca por outras fontes de recursos.



Yuri Zarinello Ferezin,
diretor de Negócios da Sicoob Cocred

Uma delas é o consórcio da Sicoob Cocred, que permite aos produtores rurais adquirirem – de forma planejada e sem taxa de juros – máquinas, implementos, veículos, drones, equipamentos de segurança e de geração de energia, insumos e até aeronaves para o manejo da lavoura, aplicação de fertilizantes, combate de pragas e incêndios.

O consórcio de bens duráveis também é uma alternativa viável afinal, o recurso pode ser utilizado para aquisição de eletrônicos, painéis fotovoltaicos, inversores e módulos solares, estrutura de fixação solar, além de equipamentos e máquinas comerciais e industriais. Já o consórcio de imóveis, muito popular no país, permite a compra de propriedades rurais e na construção de galpões, silos e granjas.

Nesse caso, com planejamento adequado, o produtor pode se programar para ser contemplado em um momento estratégico, aproveitando boas oportunidades de compra no mercado. A valorização do imóvel ao longo do tempo também pode representar um investimento rentável. Portanto, ao considerar o consórcio para compra de terras, o produtor amplia suas possibilidades com mais segurança e menos endividamento.

“Os produtores têm reconhecido o consórcio como ferramenta estratégica para modernizar suas operações sem comprometer o fluxo de caixa. No contexto atual, com a alta da taxa Selic e a falta de recursos subsidiados, essa forma de acesso a capital sem juros e sem entrada é ainda mais vantajosa, quando comparada a outras

linhas de crédito disponíveis no mercado”, explica o diretor de Negócios da Sicoob Cocred, Yuri Ferezin.

O diretor de Negócios explica que, quando as taxas de juros estão altas, o custo do crédito aumenta, mesmo para as linhas subsidiadas. Isso ocorre porque, embora o governo ofereça juros mais baixos aos produtores, a Selic influencia diretamente nessas linhas. Com juros elevados, os bancos tendem a repassar parte desses custos ao setor agrícola, tornando o financiamento mais caro.

Nesse sentido, o consórcio da Sicoob Cocred é uma solução vantajosa: sem taxa de juros, com parcelas acessíveis e a menor taxa de administração do mercado. O produtor também pode aumentar a chance de ser contemplado rapidamente, realizando lances embutidos e livres.

“O cenário é inegavelmente desafiador no campo, mas o compromisso da Cocred é trabalhar pelo cooperado, oferecendo soluções viáveis e adequadas às suas necessidades, mesmo em tempos de incertezas econômicas. Aliás, é nesses momentos de oscilação que o cooperativismo se torna ainda mais forte, presente e participativo”, afirma o diretor de Negócios.

Portanto, contratar um consórcio tem sido o caminho mais prático e econômico para continuar investindo no campo e garantir a competitividade. E na Sicoob Cocred, os produtores contam com as melhores condições e o atendimento personalizado que só uma das maiores cooperativas financeiras do Brasil consegue oferecer. Acesse o QR Code abaixo e fale com um gerente.



SICOOB COCRED

cocred.com.br

 [sicoobcocred](https://www.instagram.com/sicoobcocred)

Gasolina e Diesel **ADITIVADOS**

COPER Nitro PRO

25% *mais eficiente*

com o **Diesel CoperNitro Pro** você sente os benefícios *mais rápido.*

Menos consumo, mais desempenho!

Confira os **benefícios:**

DIESEL COPERNITRO PRO

-  **Menos** troca de filtro;
-  **Economia;**
-  **Evita** entupimento de bicos e bomba injetora;
-  **Evita** fumaça preta;
-  **Não forma** espuma.

GASOLINA COPERNITRO PRO

-  **Reduz** em até 5% o consumo de combustível;
-  **Diminui** os **gastos** com manutenção;
-  **Reduz** a emissão de CO₂;
-  **Melhora** na potência do motor;
-  É **aprovado** pelas maiores montadoras;
-  Não forma **fuligem** na câmara de combustão.

 copercanadistribuidora
 copercanadistribuidora.com.br

 Distribuidora
de Combustível



Raízes fortes

Ainda não inventaram borracha que apague o que acontece com um canavial. O rigor climático de 2024 deixou fortes marcas na grande maioria dos canaviais, o que com certeza vai gerar diminuição na produção de cana na atual safra (25/26).

Se essa quebra será de 5% (como diz os mais otimistas) ou acima de 20% (como apontam os mais pessimistas) ainda é cedo demais para dizer.

Agora, o que se dá para concluir, depois de rodar dez produtores espalhados por toda região de abrangência da Copercana, é que os problemas do clima poderão ser amenizados com aquilo que os canavieiros tem de mais forte, o conhecimento, seja ele adquirido ao longo da vida, vindo de gerações, na cana e em outros negócios e culturas, todos tem uma característica em comum, podem contar com a Copercana em qualquer momento.



Gestão, tecnologia e sustentabilidade: os pilares do sucesso no canavial de Giuliano Beggio



Giuliano Beggio, a transformação da roça numa linha de produção

Em meio a um cenário climático desafiador, o produtor rural Giuliano Beggio, da Beggio Lorenzo Agropecuária, em Matão/SP, surpreende ao apresentar um canavial vigoroso e produtivo. O segredo? Uma combinação da busca constante por conhecimento técnico, uso criterioso de tecnologias e uma gestão que valoriza processos e a adoção de práticas sustentáveis.

Mesmo com a escassez de chuvas e o calor intenso de 2024, Beggio colhe os frutos de um trabalho meticuloso. Como por exemplo o de um canavial formado no ano passado, plantado no dia 26 de abril, o qual praticamente não pegou chuva e, ainda assim, apresenta uma previsão de colheita superior a 150 toneladas por hectare.

“Isso é consequência de uma série de fatores, desde o preparo de solo bem feito, com calagem adequada e escarificação, até ações preventivas no corte de soqueira e uso correto de fungicidas para potencializar a fotossíntese”, explica Beggio.



Canavial Referência, imagem do canavial de Beggio do início de março, vindo do rigoroso veranico de fevereiro e que foi plantado em abril de 2024, muito planejamento e manejo específico para depender menos do humor do clima

Além do manejo físico e químico, o produtor também investe fortemente em soluções biológicas e em um modelo de agricultura que respeita o meio ambiente. “Sustentabilidade para nós é inegociável. Somos certificados pelo Bonsucro, temos o nível quatro do programa Elos da Raízen e a SAI Ouro, o que credencia nossa responsabilidade ambiental como parte essencial do manejo do canavial”, destaca.

A Beggio Lorenzo também se tornou um laboratório vivo para testes de novas tecnologias. Cada talhão recebe um tratamento distinto que de tão rigoroso é marcado por placas especificando data, produtos utilizados e a dose: “Estamos sempre abertos a novas soluções. A gente testa, compara, faz biometria e adota aquilo que realmente performa melhor. Agricultura não é uma ciência exata — cada ano pede um manejo diferente”, reforça.

Curiosamente, Giuliano não é engenheiro-agrônomo.

Formado em comércio exterior, com especialização em marketing, ele trouxe para o campo a bagagem do mundo corporativo, com raízes que vem desde o seu avô, fundador da famosa marca de artigos esportivos Elite. “Trato a fazenda como uma indústria. Tenho foco em processos, timing e respeito às leis. Na agricultura, perder o momento certo pode comprometer tudo. Levo comigo o lema que aprendi com meus avós: fazer certo ou errado dá o mesmo trabalho, então que seja do jeito certo.”

Com uma visão moderna, aberta ao novo e alinhada às exigências de sustentabilidade e eficiência, Giuliano Beggio transforma sua lavoura em referência. Em um momento em que muitos enfrentam dificuldades com o clima, sua receita — técnica, gestão e consciência ambiental — mostra que há um caminho se depender um pouco menos do humor dele.



Ao lado do agrônomo da Copercana, Leonardo Bighetti, Beggio tem um minucioso trabalho de manejo nutricional e defensivo específico para cada talhão e para isso ele precisa de disseminadores de tecnologia de insumos como a Copercana

Um pé no legado e outro no futuro



Arthur Gallucci, diversificação de atividades integradas por muito trabalho e conhecimento

No campo, a incerteza é regra, e Arthur Gallucci, produtor de Tambaú/SP e cooperado da Copercana, sabe disso como poucos. Para minimizar os riscos, ele aposta na diversificação de atividades, e hoje conduz uma jornada que une ciência e tradição familiar, tendo o trabalho como principal ponto de conexão nessa verdadeira jornada no tempo.

Além de produtor de cana-de-açúcar, grãos e café, Arthur é fundador da Aprimora – Consultoria e Assistência Agrônômica, empresa que presta serviços de P&D para a indústria de insumos agrícolas.

Ciência aplicada no campo

Instalada numa área de pivô, a Aprimora está há sete anos desenvolvendo ensaios voltados à nutrição e fisiologia de plantas para o desenvolvimento e posicionamento de produtos agrícolas em diferentes regiões do país.

Fundada através da experiência prática de seu idealizador numa área da família, o produtor e agrônomo Arthur Gallucci, empreendeu tendo como bagagem o trabalho

vindo desde a faculdade com pesquisa agrícola, inclusive passando por grandes grupos como a SLC Agrícola.

Em apenas 10 hectares, a equipe de quatro profissionais conduz mais de 50 experimentos por ano nas culturas de soja, milho, feijão e sorgo (área de pivô), além de também desenvolver trabalhos no café e cana-de-açúcar.



Em apenas 10 hectares, a Aprimora consegue conduzir cerca de 50 experimentos por ano nas culturas de soja, milho, feijão e sorgo

Por ser credenciada pelo MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) para conduzir ensaios oficiais de fertilizantes, biofertilizantes e bioestimulantes, ele consegue atuar desde a fase experimental e registro até novos posicionamentos de produtos já no mercado.

“Cada experimento exige aplicações precisas, controle rigoroso e muito comprometimento. Oferecemos hoje um ciclo completo, onde estão inclusos o plantio, as aplicações, a condução e a avaliação dos experimentos. Um erro, por menor que seja, pode comprometer meses de trabalho”, afirma Artur.

Para pequenos produtores interessados em entrar no setor de pesquisa, o empresário reforça que o caminho é viável, mas exige estrutura e dedicação. “Mesmo em áreas pequenas, é possível conduzir muitos experimentos. Mas é preciso foco, equipamentos específicos e uma equipe altamente atenta. É um trabalho minucioso”, afirma.

Manejo do pivô

A área irrigada da fazenda é um legado da família, isso porque quando seu avô comprou a propriedade o pivô já estava lá. Hoje o equipamento é utilizado na estação de pesquisa e também para produção comercial, contudo o produtor destaca que para conseguir ter a eficiência esperada, é preciso um trabalho constante.

“A maior dificuldade de se ter uma área irrigada hoje é o custo de manutenção”, explica Arthur. Recentemente, ele investiu na troca dos pistões, parte fundamental do sistema de irrigação. “Os antigos (pistões) estavam perdendo muita água. Cada gota conta, e estamos cada vez mais focados em minimizar essas perdas”, afirma, destacando a importância de cada detalhe para a eficiência do processo.

Além disso, o alto custo com energia elétrica, especialmente durante a safrinha de milho, levou a família a investir em um sistema de geração de energia solar, que também atende toda a demanda da propriedade.



Gallucci: “A maior dificuldade de se ter uma área irrigada hoje é o custo de manutenção”

Porém, mesmo com a irrigação, há limitações impostas pelas condições climáticas da região. A propriedade não realiza uma terceira safra, uma vez que o milho, por exemplo, se estende até os meses de julho e agosto, o que comprometeria o ciclo de culturas subsequentes. “A temperatura mais baixa da região atrasa o processo. Nosso foco é manter a qualidade das safras, sem comprometer o calendário agrícola”, ressalta o proprietário.

Lavoura temporária, semiperene e perene

Somente através da mistura de conhecimento e dedicação, é possível se manter firme numa operação agrícola enxuta, que reúne lavouras temporárias (soja, milho ou sorgo), semiperene (cana-de-açúcar) e perene (café).

“Eu cresci vendo meu avô (Agostinho Deperon, in memoriam) acordar cedo, ir pro campo, cuidar da terra com muito carinho. Acho que foi ali que aprendi a respeitar a lavoura”, relembra o produtor.



Gallucci mantém o legado do avô vivo através do trabalho com a cultura cafeeira

A terceirização focada na busca por consultoria agrônômica e prestadores de serviço especializados em cada lavoura é a forma que o produtor encontrou para trabalhar sem a necessidade de grandes investimentos em maquinário ou a formação de um enorme contingente de mão de obra fixa.

“Hoje tem empresa especializada em colher café, aplicar insumo com drone, fazer mapa de solo com altíssima precisão. A gente contrata e cobra resultado. O café é o que mais exige. A cada safra a gente precisa decidir se vai podar, esquelatar ou manter o cafezal, sempre olhando produtividade e clima. Já a soja, a gente tenta fazer o básico bem feito: plantio na época certa, variedades boas, manejo fitossanitário correto.”

Mesmo assim ele não consegue escapar do problema de escassez de mão de obra no campo: “A gente tem uma equipe fixa boa, mas na safra precisa contratar mais gente. E aí entra o desafio de treinar, manter o padrão”.

Na cana, Artur conta que nos últimos dez anos ela deixou de ser coadjuvante e assumiu papel central no planejamento agrícola da propriedade, até porque ele enxerga o perfil da região favorável à cultura.

“A cana está na melhor região possível. A gente consegue ter boas produtividades fazendo um manejo certinho. Isso porque temos chuvas mais organizadas, solos férteis e temperatura adequada.”



Quem tem parceiro tem tudo. Ao lado do agrônomo da Copercana, José Roberto Ferracini, o produtor sempre está em busca de parceiros confiáveis para agregar conhecimento em suas atividades

Entre os desafios do manejo está a dependência da logística das usinas, que controlam o corte, carregamento e transporte, fazendo com que o produtor tenha que se adequar com o calendário de acordo com as janelas da usina. “Não adianta plantar uma variedade precoce se eu sei que a usina só vai colher no fim da safra. Tem que casar manejo, solo, variedade e época de colheita”.

Este ano começou preocupante devido ao fato das chuvas de março, essenciais para o novo ciclo das soqueiras, virem aquém do esperado. “Nossa preocupação é como essa cana vai enfrentar os meses secos de inverno, antes da colheita”. Já a cana de ano e meio, plantada no fim de fevereiro de 2025, teve dificuldades para brotar.

Quando perguntado sobre a essência do bom manejo, o produtor é direto: “Primeiro, conhecer o ambiente. O solo é o bem mais precioso. Corrigir bem é fundamental”. Ele destaca que muitos produtores negligenciam essa etapa, pressionados por cronogramas apertados e

ciclos contínuos de cana sobre cana. “Às vezes é melhor fazer uma reforma, colocar outra cultura, até para ajudar no banco de sementes de planta daninha”.

Outro ponto crítico é o controle de mato. “Na soja, se a área estiver suja, a colheitadeira nem entra. Na cana, ela vai entrar de qualquer jeito. E aí, no terceiro corte, você já não tem mais cana, porque o capim colônia tomou conta”.

Por fim, ele reforça que os investimentos em tecnologia — adubação foliar, micronutrientes, bioestimulantes — são importantes, mas não são a “cereja do bolo”. A base, insiste, está no solo e no controle de plantas daninhas. E alerta: “É melhor ser melhor antes de ser maior. Ter uma área menor, bem cuidada, produzindo bem, do que expandir e não conseguir manejar direito”.

Esse olhar estratégico, somado à tradição familiar e à adaptação às inovações, é o que vem garantindo à propriedade um lugar de destaque em tantas atividades diferentes.

Um legado extremamente forte



A grande história escrita por Sebastião Biazzo (*in memoriam*) continua sendo escrita pelo trabalho da próxima geração da família, como os sobrinhos Luis Biazzo e José Ricardo Biazzo Simon

Substituir campeões nunca é uma tarefa fácil, pessoas muito talentosas, que conquistam enormes feitos ao longo da vida levam para a geração seguinte o desafio de encaixar o que deu certo no passado com a realidade do presente, o que exige dos herdeiros dispostos a seguir com o legado cuidados extremos para que todo império não desmorone.

O construtor do legado

Tal enunciado espelha bem o desafio dos herdeiros do grande Sebastião Biazzo (*in memoriam*), uma das figuras mais visionárias do município de Aguaí (SP), que foi além de ter moldado expressivos negócios, mas liderou o desenvolvimento econômico e social de sua região.

Tudo começou no século passado, quando os avós já eram comerciantes respeitados, donos de armazéns, e os irmãos menores corriam para o campo atrás de frutas para vender na estação ferroviária — na época, o centro vital da cidade. “O tino de comerciante já estava no san-

gue”, lembra o sobrinho, Luis Biazzo, que atua como um dos líderes da T.Biazzo, destacando que na época o menino Tião (como era conhecido Sebastião) era diferente: ele via além, buscava inovar.

Tião empreendeu numa transportadora para couro, depois ajudou a fundar uma fábrica de mandioca, cuja farinha se tornou famosa em todo o estado, alcançando até o mercado do Rio de Janeiro. Ele não parava: no algodão, investiu pesado, montando beneficiadoras e estruturando produção para as indústrias têxteis.

Nas décadas de 80 e 90, a soja e o milho ganharam espaço, através da produção de sementes, negócio pautado em fortes parcerias com produtores regionais alavancando um volume expressivo de caminhões que abasteciam todo o mercado nacional.

No auge, a empresa era um dos principais fornecedores para grandes grupos agrícolas. Mas o tempo trouxe mudanças: pragas como o bicudo tornaram a produção de algodão inviável, o leite perdeu espaço com a crise das cooperativas, e a cana-de-açúcar assumiu o protagonismo.

Um dos exemplos da mente brilhante de Tião Biazzo ainda pode ser visto. Um dos marcos é o barracão de beneficiamento com mais de 3.000m², construído há 50 anos sem pilares centrais — um feito ousado para a época. Outro símbolo é a gigantesca caixa d'água de concreto armado que ainda impressiona visitantes. “Ele não titubeava: pensava, decidia e realizava”, resume outro sobrinho que também lidera a operação, José Ricardo Biazzo Simon.

Além dos negócios, Tião se dedicou à política local, dentre os diversos feitos foi nunca ter deixado Aguai para alcançar voos políticos mais altos: “A paixão dele era Aguai”, contam os sobrinhos.

Na política ele ocupou o cargo de prefeito por seis gestões, sendo a última em 2022, o que lhe conferiu o título de prefeito mais velho do Brasil, com 89 anos.

Hoje, a geração seguinte assume as rédeas. Desde que Tião adoeceu (ele faleceu em fevereiro desse ano), aos

102 anos, há cerca de seis anos, sobrinhos vêm gerindo o negócio, modernizando a frota, implementos e estratégias, mas sempre preservando os valores da família: trabalho duro, inovação cautelosa e compromisso com a história construída. “Nossa obrigação é manter viva essa história e preparar o caminho para a próxima geração”, dizem.

Desafios parecidos no canavial

Nos canaviais da T.Biazzo, os desafios são os mesmos, mediante o acelerado processo de inovação e consequente exigência pela evolução da produtividade aliada ao desafio de manter uma margem consistente. O sobrinho responsável por comandar a parte agrícola, José Gustavo Simon Júnior, conta um pouco dos desafios superados até fazer do canavial ser uma referência para parceiros e técnicos na região.



Responsável por liderar o legado agrícola de Tião Biazzo, o sobrinho José Gustavo Simon Júnior, busca constantemente aprimorar seus manejos através da formação de profissionais, como o controlador agrícola, Sérgio Bacheschi, e parceiros de longa data, como o agrônomo da Copercana, Murilo Fioco

“No começo, a gente tinha muita dificuldade, principalmente no controle de erva daninha. Isso devido ao fato dos tratores serem feitos por terceiros. Depois que assumimos, trabalhamos de modo mais focado e também trouxemos parceiros técnicos como o caso do agrônomo da Copercana, Murilo Fioco”, disse o produtor.

Conhecimento técnico reunido que também foi importante para manter a soqueira saudável mediante ao rigor climático de 2024: “Tudo que recebemos de ajuda técnica, procuramos aproveitar. A gente corre atrás, conversa com consultores, busca novas variedades, testa novos produtos”, diz.

Entre as apostas, estão kits biológicos e químicos para controle de pragas, como a broca, com resultados que chegam a cinco meses de proteção. Também houve investimento na formação de um jardim varietal, onde as novas cultivares são testadas e, se aprovadas, começam a ganhar áreas de plantio comercial.

Outro avanço importante foi a sistematização da área de plantio. Com o uso de drones e projetos detalhados, toda área passou a ter um layout bem planejado, reduzindo problemas e aumentando a eficiência devido ao uso do GPS.



Dentre os processos de inovação implementados, está a sistematização dos talhões, e a implementação de jardins experimentais para a inserção de novas variedades de cana

Do podão à inovação



Com o início no corte manual da cana até chegar a uma produção referência no Triângulo Mineiro, o produtor Luiz Carlos Rodrigues tem no controle de sua operação a chave para o sucesso

O produtor de Uberaba, Luiz Carlos Rodrigues, tem uma história marcada por superações e conquistas no setor agropecuário. A caminhada que começou com o podão na mão, como boia-fria, hoje se traduz em uma operação canaveira que é destaque no Triângulo Mineiro e uma das mais importantes fornecedoras da Usina Delta, em Minas Gerais.

Ao lado de uma antiga lima e do último podão que usou como trabalhador rural, Luiz guarda fotos que contam sua trajetória: da juventude de muito trabalho no campo, aos primeiros plantios de sorgo em áreas arrendadas no final da década de 1990. A virada definitiva veio em 2002, com a entrada na cultura da cana-de-açúcar. “Comecei com 200 hectares. Hoje, só em cana, são mais de quatro mil”, relembra.

A expansão contou com o incentivo da própria usina, que na virada dos anos 2000 passou a fomentar novos fornecedores. “Fui um dos produtores fomentados e abracei a causa”, afirma Luiz, que atualmente também atua em diferentes frentes: além da Nova Terra (que

também trabalha com soja, milho, pecuária de leite, corte e genética de pista), participa da AG Croppers (empresa que vem se destacando no setor de sementes de plantas de cobertura), dentre outros empreendimentos.

Desafios da safra 2025

Apesar do sucesso, Luiz descreve a safra atual como uma das mais desafiadoras de sua carreira. A seca severa de 2024 e os incêndios nos canaviais trouxeram prejuízos ainda difíceis de mensurar. “Esperava uma quebra de 8%, mas já estimo algo em torno de 10%”, avalia.

Segundo Luiz, a quebra afeta tanto a cana soca quanto a cana planta. Nas áreas onde a cana foi usada como muda, ele já registrou perdas de até 20%, com atraso no desenvolvimento e nodulação por estresse hídrico. “Teve canavial que voltou à estaca zero por causa de incêndio. Em alguns casos, tivemos que cortar cana de nove meses”, conta.

Como maior desafio da colheita desse ano ele aponta

para a desuniformidade na rebrota que traz dificuldades para a colheita mecânica. “Em um mesmo talhão, temos cana de vários tamanhos, então se colocarmos o cortador de ponta muito alto, mandaremos mais impurezas para a usina, por outro lado se abaixarmos muito ele, vamos jogar fora muita cana”.

Planejamento como base do sucesso

Luiz atribui boa parte de seus resultados à gestão estruturada. “Nada sem planejamento”, enfatiza. Para ele, o produtor que não domina ferramentas de gestão precisa buscar apoio — seja por meio de consultorias ou parceiros. “Cada propriedade tem sua realidade. Não dá para seguir o efeito manada”.

Ele reforça a importância de conhecer a própria estrutura de custos e manter o fluxo de caixa ajustado, o que

faz toda diferença em tempos de juros altos como os vividos atualmente. “Tem que fazer conta. Não dá mais para ir na intuição”.

Produção diversificada

Além da cana, Luiz mantém uma produção significativa de leite, com média diária entre 8 e 10 mil litros. O sistema adotado é o “Compost Barn”, com estrutura fechada e conforto animal. “Nossa média é de 27 a 30 litros por vaca por dia”, detalha.

Mesmo com a diversificação, o foco principal segue sendo o agro, com raízes profundas na cultura da cana. “Me identifiquei com essa cultura. Gosto da cana, gosto da terra. E é nela que continuamos apostando”.



Ao lado do agrônomo da Copercana, Flávio Guidi, o produtor Luiz Carlos Rodrigues adota como prática a adoção de novas ferramentas de acordo com as necessidades de sua área

A conta climática de 2024



O produtor de Sacramento/MG, Estevão José Rastelli em área de plantio: efeitos do rigor do ano passado ainda prejudicam os canaviais

A rotina de quem cultiva cana-de-açúcar em áreas de altitude elevada, como a região norte de Sacramento (MG), é marcada por incertezas climáticas que exigem do produtor estar preparado para enfrentar qualquer adversidade. Aos 41 anos, o produtor rural Estevão José Rastelli conhece bem esse cenário. Neto de Natalino Guidi, fundador da Copercana, e que comprou a primeira propriedade na região em 1980, assumiu a fazenda da família em 1999, e desde então faz da produção de cana seu desafio diário.

Em sua área de cultivo, ele conta que além dos problemas climáticos que todos enfrentaram em 2024 teve o acréscimo de uma geada, fator que o faz ser bastante contido em sua previsão para a safra 25/26.

“O ano passado nós tivemos recorde de produção aqui na fazenda Santa Rita, com 136 toneladas por hectare. Esse ano, mesmo com o mesmo manejo e investimento, estamos prevendo uma quebra entre 30% e 40%”, afirma Estevão.

Geada e seca prolongada prejudicam brotação

Em sua região a seca do ano passado ultrapassou os cinco meses, contudo o fator mais agravante foi que após o término de sua colheita, em julho, quando as soqueiras já estavam brotando, já no mês de agosto, veio uma geada, fenômeno raro para o período, agravando a situação.

O cenário também afetou as áreas de plantio: “A cana planta também sentiu e está menor do que deveria. Vou gastar mais muda este ano para plantar a mesma área.”

Segundo Estevão, o plantio vai consumir cerca de 20% a mais de área de muda para executar a mesma quantidade de hectares que plantaria num ano normal, isso em decorrência do tamanho da cana, o que impacta diretamente no aumento de seu custo operacional.

Desafios além do clima

O rigor das exigências trabalhistas para o trabalho no campo, aliado a uma realidade com maquinários caros num momento de taxa de juros nas alturas faz com que o produtor procure uma terceira via para conseguir executar o seu plantio, através da busca por prestadores de serviço de plantio mecanizado.

Contudo, esse tipo de trabalho ao longo dos meses onde se planta mais cana (fevereiro, março e abril) reduz de maneira significativa a oferta para esse tipo de serviço, especialmente em regiões com muitas usinas na redondeza, perto de sua fazenda há quatro unidades (Delta, Uberaba, Santa Juliana e CMAA).

Assim, a alternativa que encontrou foi a contratação de um prestador de serviços de Araçatuba/SP (localizada a cerca de 400 km de Uberaba/MG).

Altitude exige variedades e manejos diferenciados

Cultivar cana em Sacramento, onde a altitude é elevada e o clima mais ameno que no interior de São Paulo, exige atenção redobrada na escolha de variedades e prazos de plantio. O ciclo da cana é mais longo, e a brotação é mais lenta, o que influencia diretamente nas decisões de manejo.

“Aqui, você planta a cana e ela demora 35, 40 dias para brotar. Em Ribeirão Preto, com 15, 20 dias já está saindo do chão. Nosso quebra-lombo é feito com 90, até 150 dias”, comentou.

As variedades plantadas na região são definidas com base em pesquisas das usinas e em troca de informações com outros produtores. Algumas linhagens mais sensi-

veis à seca foram duramente afetadas neste ciclo, com perda até de soqueiras em terceiro corte, enquanto as mais resistentes chegaram até o sexto.

Impacto no planejamento e necessidade de reforma

O maior desafio, segundo Estevão, será readequar o planejamento da reforma de canaviais. O cronograma da fazenda previa reforma de canas de sexto corte, mas, diante das perdas, será necessário antecipar a renovação de áreas mais jovens, o que afetará diretamente nos resultados da fazenda.

“Todo ano eu reformava de 90 a 100 hectares. Agora, vou ter que reformar mais, sair do meu planejamento. Isso aumenta o custo e compromete a renda futura. Não posso reformar metade da área de uma vez e depois ficar sem produção.”

Lição da safra: humildade e adaptação

Diante dos contratemplos, o produtor faz uma reflexão sobre os aprendizados do ciclo.

“Cada ano é um ano. Quem manda é Deus. A gente faz o planejamento, mas se o tempo não ajuda, não tem o que fazer. O negócio é planejar para o pior cenário, porque se vier bom, você amplia sua margem.”

Com o cenário mais positivo, pelo menos nos três últimos meses, há uma esperança de que o restante da safra seja menos turbulento. Ainda assim, as perdas acumuladas mostram que, no campo, resiliência e adaptação são virtudes indispensáveis.



O produtor destaca que a parceria com as cooperativas, como ele tem com a Copercana, representada na foto pelo agrônomo Flávio Guidi, é fundamental em anos com o rigor climático mais acentuado

União e trabalho como principal legado



Cana e café. Família Berlese, representada por Itamar na foto, trabalha unida para buscar a excelência na produção

A sucessão é um desafio para qualquer operação agrícola, pois diferente de qualquer outro negócio, o trabalho com a terra quase sempre está envolvido com uma grande história familiar de muita superação e amor pela profissão.

A rotina da família Berlese à frente da fazenda traduz muito bem esse legado de resistência, união e paixão pela terra. Com raízes em Brodowski, interior de São Paulo, eles hoje têm em Sacramento/MG seu principal ponto de atuação, onde diversificam suas atividades entre cana-de-açúcar, café e um pouco de gado, sempre enfrentando os altos e baixos do campo com trabalho coletivo e espírito de adaptação.

A seca de 2024

Como todos os produtores canavieiros, o maior desafio de 2024 foi a seca severa, que durou cerca de

180 dias sem chuvas — algo incomum mesmo para os padrões já conhecidos da região. “Esse ano não teve nenhuma daquelas chuvas de costume. Foi uma seca sem trégua, acompanhada de temperaturas que passaram dos 40 graus e ainda tivemos uma geadá fortíssima. Foi um combo difícil de encarar”, conta Itamar Berlese Júnior, um dos membros da família que hoje tem a missão de preservar e fazer crescer o legado deixado pelo avô, Ângelo Eurípedes Berlese.

A estiagem impactou diretamente a produção de cana. “A perda estimada é de 20%. Teve cana que simplesmente não brotou. Em algumas áreas, tivemos que antecipar reformas de lavouras que estavam no segundo corte. Reformamos cerca de 150 hectares que não estavam nos planos”.

O problema se agravou com o aumento no consumo de mudas. A expectativa era de usar uma pro-

porção de 10 para 1 (dez hectares plantados com um hectare de muda), mas a conta caiu para 7 para 1, aumentando os custos. “Está tudo mais caro, e a muda não rende. Precisa usar mais gemas, mais cana por metro, então isso afeta tudo — desde o planejamento até o custo final”.

A experiência no campo também mostrou quais variedades de cana resistiram melhor à seca e às pragas. Segundo o produtor, as variedades com maior perfilhamento apresentaram melhores resultados. “Aqueles que têm mais população por metro seguraram melhor a barra. As que tinham menos, foram devastadas”.

Tradição como plano de negócio

Além da cana, o café também é uma paixão antiga da família. “Meu avô, que faleceu com 94 anos, viveu a vida inteira lidando com café e leite. A gente trouxe esse amor pelo café do interior de São Paulo pra cá. É tradição”. Hoje, eles colhem café entre abril e agosto, aproveitando o calendário para conciliar com a safra da cana, que vai de junho a agosto.



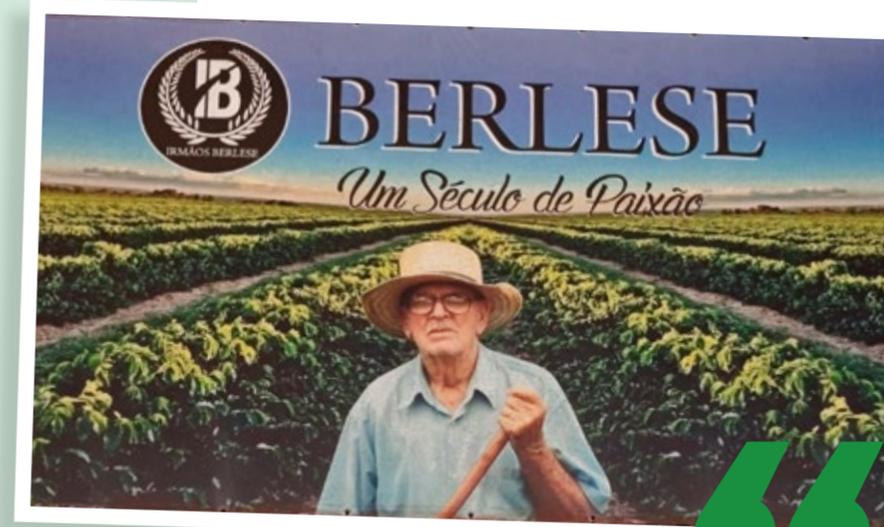
Itamar Berlese Júnior ao lado de Ângelo Eurípedes Berlese Neto no cafezal cultivado pela família, tradição que veio de Brodowski/SP

Além disso, a diversificação é uma estratégia clara para lidar com os riscos da atividade rural. “Nunca tudo está excelente ao mesmo tempo, mas também nunca tudo está ruim. A diversificação garante que, se uma cultura não vai bem, a outra pode compensar. Isso nos ajuda a manter a fazenda funcionando, mesmo nos piores anos”.

Ao todo, cerca de dez membros da família trabalham juntos na propriedade. “Tem dia que são cinco sócios em cinco tratores diferentes. É tudo irmão, primo, sobrinho. Trabalhar em família é gratificante. Nosso avô foi o alicerce, nos deixou esse legado de união, e seguimos honrando isso todos os dias”.

“Tem dia que são cinco sócios em cinco tratores diferentes. É tudo irmão, primo, sobrinho. Trabalhar em família é gratificante. Nosso avô (Ângelo Berlese) foi o alicerce, nos deixou esse legado de união, e seguimos honrando isso todos os dias”

Itamar Berlese Júnior



Experiência na mesa



O produtor Tiago Rodrigues ao lado do agrônomo da Copercana, Guilherme Toniello Barbosa conferindo a brotação do plantio realizada nesse ano

Não é segredo para ninguém que trabalha com cana que o desafio desta safra é pagar a conta do rigor climático do ano passado e não há dúvidas que a união e a experiência familiar de diversas gerações serão um grande diferencial para atravessar esse período.

Um exemplo prático acontece em Sertãozinho (SP), onde o pai, Carlos César Rodrigues Silva, ao lado dos filhos, Tiago Edgard Rodrigues da Silva e Bruno Leonardo Rodrigues da Silva trabalham focados para superar não apenas os desafios gerados pelo déficit hídrico, mas também o aumento na ocorrência de incêndios.

Tiago conta que o cenário exigiu ações rápidas através da implementação de estratégias emergenciais, como a irrigação com vinhaça através do uso de um caminhão pipa adaptado. A técnica mostrou-se eficaz na manutenção da sanidade vegetal e na recuperação de áreas afetadas pelo fogo, reduzindo perdas e preservando o potencial produtivo.

Segundo o produtor, na fazenda foi implementado um sistema durante os períodos mais críticos de estiagem e

incêndios. A vinhaça concentrada foi diluída em proporção adequada e aplicada diretamente na soqueira, contribuindo para reativar o metabolismo das plantas e recuperar rapidamente o estande.

“Com um bom planejamento logístico e conhecimento da área, conseguimos fazer a vinhaça render. O uso escalonado nos deu flexibilidade e aumentou o alcance da ação.”

Em alguns talhões, o fogo atingiu faixas de 20 a 30 metros, afetando folhas e ponteiros. Nessas áreas, a aplicação da vinhaça contribuiu não apenas para reidratar o solo, mas para reverter parte dos danos foliares. O produtor destaca que, em lavouras com bom enraizamento, foi possível observar rebrote e manutenção do perfilhamento após a aplicação emergencial.

“O objetivo não era aumentar produtividade, mas salvar lavouras. Conseguimos recuperar áreas que estavam praticamente perdidas pelo estresse térmico e pela ação do fogo”, relata o produtor.

Soja canavieira

O trabalho agrícola intenso também traz histórias de sucesso, como o último ciclo de soja que trouxe resultados positivos para o produtor, principalmente em áreas onde foi possível investir em práticas conservacionistas e correção do solo. “Foi uma safra boa. A gente pegou algumas áreas mais próximas da cidade que, por serem arrendadas ou com prazo curto, não justificavam grandes investimentos e proporcionalmente tiveram a produção abaixo das áreas onde cuidamos do solo. Quando aplica calcário e gesso com agricultura de precisão, a resposta é clara na produtividade”, destacou o produtor.

Ele lembra que, no ano anterior, quase toda a área da fazenda passou por mapeamento e aplicação em taxa variável de corretivos, através de serviço prestado pela Copercana. A diferença no rendimento foi perceptível. “Na taxa fixa, você aplica o mesmo em toda a área. Só que em um canto mais degradado, pode precisar de mais, e em outro, menos. Com taxa variável, você corrige melhor. Isso refletiu na produção da cana e também da soja”.

Sobre a escolha da soja para fazer a rotação da reforma de seus canaviais ele destaca: “A soja ajuda a preparar a terra para a cana. Você planta, colhe e já entra com a subsolagem leve, faz o sulco, e a terra já tá pronta. Solo vindo de soja é diferente: mais estruturado, com menos erosão e mais matéria orgânica.”

Na última safra de soja, a fazenda alcançou uma média de 75 sacas por hectare, com áreas chegando a até 88 sacas. Ainda assim, o produtor foi cauteloso na expansão, recusando áreas duvidosas, especialmente com histórico incerto de herbicidas residuais. “Tinha área que o pessoal ofereceu, mas tinha passado herbicida com residual de até 18 meses. Não dá pra arriscar um investimento desses.”

O acompanhamento técnico contínuo da cooperativa foi essencial para evitar prejuízos. “É onde entra nosso papel também. A gente analisa, conversa com os agrônomos, e decide em família. Tem molécula nova todo dia, e nem sempre o pessoal tem o histórico certinho. Às vezes, é melhor perder uma oportunidade do que arriscar e perder tudo”.

Outro ponto positivo foi o bom manejo fitossanitário. “Este ano não tivemos ataque de pragas, nada fora do controle. Fizemos quatro aplicações bem feitas, com os insumos que já usamos na cana. O investimento em soja foi relativamente baixo”.

Cautela no plantio, cuidado com o solo e foco na cana

Para o produtor, a soja é uma aliada, mas a prioridade segue sendo a cana. “A gente é produtor de cana, não de soja. A soja é uma ferramenta. Ajuda na estrutura do solo, prepara a terra, reduz a compactação. Isso tudo contribui para o próximo ciclo da cana ser mais produtivo”.

No plantio, embora tenha sido um problema de muitos produtores, eles não sofreram com o fornecimento de muda. Parte veio da própria fazenda, parte da usina da região. “Foi um ano tranquilo, sem falta de muda. O índice de falha foi baixo, o que nos ajudou a manter o planejamento, mesmo com a seca e o fogo afetando algumas áreas”.



Canavial incendiado em 2024. Produtor roçou a rebrota após o fogo o que foi determinante para ele retomar o seu vigor

Também fez parte desse plano, a decisão de postergar algumas reformas de canaviais. “A gente tirou o pé de algumas áreas mais velhas, deixamos brotar de novo, mesmo sabendo que a produção não seria a ideal. Mas pelo cenário de possível falta de cana e preço subindo, além do cenário das mudas, acredito que foi a melhor decisão”.

No balanço final, o trabalho em conjunto com o pai e o irmão, que traz um repertório de três gerações de canavieiros, pois o avô foi quem começou com a cultura, fez com que os desafios de momentos complexos fossem superados através da antecipação de riscos e o manejo técnico bem executado. “O que dava pra fazer, a gente fez. E o que era arriscado, a gente preferiu não fazer. O clima atrapalhou, mas dentro do que foi possível, acredito que será uma safra boa. E isso, hoje em dia, já é uma vitória”.

Novos e conhecidos, desafios



O experiente produtor de Cravinhos, Célio Sorci, ao lado do agrônomo da Copercana, Antônio Toniolo, fala dos desafios da atividade canavieira

Trabalhar como agricultor é um eterno exercício de superação de adversidades inesperadas que acontecem quase que o tempo todo. Algumas com o rosto bastante conhecido mas sempre vindo com detalhes diferentes, como as estiagens, outras novas, sendo a conjuntura social, política e econômica aliada ao acelerado processo de inovação dos tempos atuais a fonte ideal delas.

A história recente do experiente produtor canavieiro da região de Cravinhos, Célio Sorci, é um exemplo ideal dessa verdadeira maratona com barreiras que é a atividade agrícola, tendo em vista a seca de 2024: “No nosso pluviômetro, marcamos apenas 7 milímetros de chuva em 150 dias. Dois em maio e cinco em julho. Praticamente nada”

Mediante a falta de chuvas a brotação da cana atrasou, porém chegou a se recuperar parcialmente com as chuvas de novembro. No entanto, um veranico intenso em fevereiro de 2025 voltou a comprometer o desenvolvimento dos canaviais.

Apesar do cenário, o produtor optou por não antecipar reformas, já que a safra anterior (23/24) havia tido alta produtividade. “Produziu muito bem no ano passado, não arranquei. Mas aí veio a seca, a brotação foi prejudicada. Agora, provavelmente no ano que vem (2026), essas áreas entrarão em reforma”, explica.

Porém, mesmo bastante complexo e custoso, o produtor agradece a Deus por sua área não ter sido vítima dos incêndios que se alastraram principalmente no mês de agosto de 2024, como explica o agrônomo da Copercana da região de Cravinhos, Antônio Toniolo: “Os produtores que tem seus canaviais na região entre Cravinhos e Serrana, escaparam dos incêndios, outras áreas, como as próximas a Bonfim Paulista e Ribeirão Preto, foram severamente atingidas. O fogo afetou lavouras recém-colhidas, que já haviam iniciado a brotação. O resultado foi a perda de soqueiras inteiras, que não resistiram à combinação de incêndio, seca e ataques de pragas como o Elasmô”.

“Teve muita cana nova, de segundo e terceiro corte, áreas já tratadas que simplesmente não brotou. Perdeu-se tudo e ainda teve o custo da reforma”, completou Sorci.

Plantio mecanizado: um caminho sem volta

Do lado dos desafios originados pelas conjunturas, a mecanização do plantio de cana é um dos pontos de maior destaque dos últimos ciclos. Nas áreas lideradas por Sorci, a transição quase total já aconteceu.

Mesmo contrariado sob o ponto de vista agrônomo, ele disse que a pressão do mercado e a falta de mão de obra no campo não lhe deixou alternativas senão a mudança do manejo: “Hoje, é um caminho sem volta. Eu, sinceramente, ainda tenho receio. Sou do tempo antigo, gosto de ver a cana no chão. Mas estamos nos adequando”.

A adaptação à nova realidade passa por aprendizados técnicos, como ajustes nas máquinas para preservar as gemas da cana e garantir boa brotação. “Tem que tomar cuidado com variedades de gomos compridos. Se a máquina cortar errado, não manda gema nenhuma para o campo”, alertou.

Outra dica do produtor é quanto ao uso de canaviais de segundo corte como muda: “Como a cana de primeiro corte é mais robusta e também tomba mais, ao colher a muda de maneira mecanizada o risco de danificar as gemas é maior, além disso eu consigo me planejar para colher o canavial de segundo corte para que ele esteja no ponto exato de desenvolvimento na hora do plantio do ano seguinte”.



Canavial de segundo corte utilizado por Célio como muda, a escolha pelo segundo ciclo se dá devido ao fato dela tombarem menos e também o produtor ter o controle da idade ideal para o plantio

Ainda assim, o plantio realizado em 2024 foi considerado positivo. Apesar das chuvas terem cessado cedo, muitas áreas conseguiram boa brotação. “Esse ano não vi falha significativa. O solo estava com boa reserva hídrica, especialmente nas áreas onde plantei soja antes”, disse Célio.

Expectativa para a colheita

A atual safra marca a terceira com colheita mecanizada própria na propriedade. “A gente sempre começa apanhando um pouco, mas estamos nos ajustando. Esse ano deixei um funcionário só para cuidar da manutenção preventiva da máquina”, contou.

Para reduzir custos e otimizar o processo, o produtor firmou parceria com um vizinho: enquanto faz a colheita, o outro transborda. O transporte até a usina continua terceirizado. “No final, a gente acerta os custos”, concluiu.

Apesar das dificuldades climáticas e estruturais, Célio sabe bem que isso faz parte do jogo e demonstra resiliência: “O produtor tem que estar sempre de cabeça erguida. A poeira abaixa, e a gente sacode e segue. A cana tem que ir para a usina”, concluiu, confiante de que, com adaptação e persistência, a lavoura segue firme.



Parceria entre produtores: Para viabilizar a colheita própria o produtor fechou uma parceria com outro produtor amigo na qual ele foca no processo da colheita, enquanto o outro fica responsável pelo transbordo, no final da safra eles acertam as diferenças de custos

Não se produz cana sozinho



Tradição e união familiar, aliado ao trabalho duro e aberto a inovações e parcerias, esse é o segredo de Eduardo Breda evoluir constantemente no manejo dos canaviais que lidera a operação

Na zona rural de Olímpia, interior de São Paulo, uma família vem construindo, geração após geração, uma sólida trajetória no campo. Com raízes fincadas na terra desde o início do século 20, quando o bisavô Natal Breda chegou da Itália e começou a comprar propriedades na região, a família passou por diversas fases produtivas — do café ao gado, da laranja à cana-de-açúcar. Hoje, os descendentes mantêm viva a vocação agrícola com gestão própria e aposta na diversificação e modernização.

A transição para o cultivo de cana-de-açúcar se consolidou com a liderança de Donaldson Breda, um dos herdeiros da fazenda e médico de profissão, que decidiu plantar por conta própria. “Ele sempre disse que a gente é filho e neto de produtores rurais, que não deveríamos apenas arrendar terra, mas sim produzir. E isso foi um divisor de águas para a família”, relata Eduardo Breda, um dos sobrinhos que assumiu a liderança da operação.

Ao lado dos irmãos, foi criado um interessante sistema integrado: cada um mantém seu próprio CNPJ, mas compartilham tratores, implementos, funcionários e estrutura de apoio. “A gente virou um condomínio rural. Quando é época de plantio ou de trato cultural, todos se ajudam nas lavouras uns dos outros. Isso trouxe economia, força de negociação e mais eficiência”, explica Eduardo.

Hoje, eles cultivam cerca de 700 hectares de cana. A centralização da operação em uma sede reformada na antiga estrutura de uma colônia de café permitiu otimizar recursos e gerir melhor as atividades no campo. “Não tinha nada aqui, só uma casa antiga. Reformamos e montamos a estrutura. Hoje temos caminhão-pipa, carreta para transporte, trator para aplicação e equipamentos de preparo de solo. O próximo passo é adquirir uma esparrameira de calcário”, conta.



Implemento trabalhando no plantio da cana, sistema criado entre os irmãos garante a quantidade de área que viabiliza o investimento em máquinas e implementos

A gestão é feita com foco em eficiência e qualidade, seguindo com muito cuidado pela estrada da inovação. O plantio ainda é manual, com atenção redobrada à escolha e à sanidade das mudas. “A gente acompanha de perto. Vai lá, caminha na lavoura, corta a cana, olha se tem estria ou broca. São detalhes que fazem diferença lá na frente”, diz Eduardo.

A busca de novas variedades também é um dos manejos da fazenda. Recentemente a família visitou a fazenda de mudas da Copercana em Sertãozinho e incorporou novas cultivares ao seu jardim varietal, utilizado para testar as cultivares no ambiente da fazenda.

Apesar das dificuldades naturais do setor — como mudanças climáticas, pragas e oscilações de mercado —, Eduardo destaca o prazer de trabalhar com a terra e a importância de manter viva a herança dos antepassados. “A gente teve que aprender muito, errou, acertou. Mas é gratificante. Está no sangue. E ver tudo isso funcionando em harmonia, com a família unida, é o que mais motiva.”

Manejo integrado e decisões técnicas garantem canavial mais limpo e produtivo

Pelo lado agrônomo um dos grandes objetivos é diminuir a pressão de plantas daninhas que ainda é um fator que atrapalha a evolução da produção da fazenda,

o avanço no manejo de plantas daninhas vem sendo resultado de trabalho técnico persistente, parcerias estratégicas e muito estudo para encontrar a ferramenta e a maneira correta de uso dos herbicidas.

“Quando começamos, a situação era crítica. Tinha de tudo: colônias, mucuna, carrapicho, braquiária, grama ceda... era uma matologia completa. Já conseguimos controlar bem, mas ainda temos que caminhar um pouco mais para atingirmos índices satisfatórios”, conta Eduardo, que tem no agrônomo da Copercana da região de Severínia, Victor Mattos um grande parceiro para ajudá-lo a tomar as melhores decisões técnicas.



“Hoje eu não quero só quem vende produto. Quero quem vem aqui, orienta, resolve. Tem que ter parceria de verdade. O cara que só vende e vai embora não serve”, disse Eduardo Breda que está na foto ao lado do agrônomo da Copercana na região de Severínia, Victor Mattos

Entre as principais preocupações atuais está a grama ceda, que continua espalhada em diversos pontos da propriedade. A estratégia é manter um controle constante, com até três aplicações anuais direcionadas, visando sufocar essa planta daninha, que compromete o estande da cana ao competir por espaço e luz. “Ela abafa a cana, chega a matar a soqueira”, relata Eduardo. “Antes, não se dava tanta atenção para ela. Agora estamos muito focados, fazendo o combate o ano todo.”

Esse controle exige precisão no momento das aplicações, o chamado “time” do manejo, além de decisões acertadas sobre produtos. “Se perdeu o time, já era. O mato sai e dependendo da planta, como o colônias, o controle pós-emergente é muito mais caro e difícil”, explica Victor.

O uso do drone, por exemplo, entrou em momentos pontuais, como em áreas onde a altura da cana não permitia a entrada de tratores. “Fizemos uma aplicação para controle da estria com oxicloreto de cobre foliar. É uma tecnologia que funciona bem como fungicida, especialmente em canas mais suscetíveis como a RB86-7515”, destaca Eduardo.

Parcerias técnicas como diferencial

Para Eduardo, o sucesso das aplicações passa também pela escolha de parceiros consultivos e não apenas vendedores. “Hoje eu não quero só quem vende produto. Quero quem vem aqui, orienta, resolve. Tem que ter par-

ceria de verdade. O cara que só vende e vai embora não serve”, afirma. O produtor destaca que cada aplicação tem que trazer retorno: “Não adianta comprar o mais barato e depois ter que pagar diária de ônibus, fiscal e dezenas de pessoas pra catar o mato. O barato sai caro.”

Nos canaviais dos Breda a seca de 2024 também deixou sua marca, impactando diretamente na brotação e o desenvolvimento da soqueira. “Quando colhe e chove, a brotação é outra história. A seca atrasa tudo. Mas com o que fizemos, tanto na parte de mato quanto na parte nutricional e de pragas, a expectativa é boa. Estamos entrando em um novo patamar de manejo aqui”, conclui Eduardo.



Jardim varietal de Eduardo Breda, mudas adquiridas na Fazenda Santa Rita da Copercana

Fazer o que o avô fazia de um jeito diferente



De uma família que com muito trabalho venceu na cana, Jean Annibal também quer prosperar com a pecuária

A história da família começa em Água Vermelha, distrito de São Carlos (SP), onde o avô e os irmãos iniciaram o cultivo de cana-de-açúcar, ainda nos tempos da plantação em cova, com carregamento manual nos caminhões. “Minha avó cortava a cana e fazia os feixes. Meu avô e os irmãos carregavam nas costas, subiam com escada nos caminhões”, conta Jean Annibal, membro da terceira geração de uma das famílias mais representativas da canavieiros da região de Cravinhos, no interior paulista.

A família se mudou para Cravinhos em busca de novas oportunidades. O pai, Ângelo Annibal, começou trabalhando de graça numa oficina, apenas para aprender. Lá, montou seu primeiro guincho com peças desmontadas, o que se transformaria em um marco na trajetória da família com o transporte de cana.

A mecanização veio em 2000, com a compra da primeira colhedora de cana da região. “Temos essa máquina trabalhando até hoje”, diz, com orgulho. A partir daí o negócio foi crescendo até o ponto em que o pai e tio do Jean decidiram dividir e cada um tocar com os filhos a operação própria.

O que deu muito certo para os dois lados: tendo o trabalho como objetivo, os primos continuaram crescendo, e ele, junto ao pai e ao irmão, André Annibal, além de evoluírem na cana, também diversificaram a produção com soja e gado. A soja veio em 2015, primeiro arrendando terras em Minas Gerais e Descalvado/SP. Mais tarde, por problemas com erosão e herbicidas, optou por cultivar apenas em áreas próprias, como parte das reformas de canaviais.

“O bom da soja é que ela melhora muito o solo. Vale a pena”, afirma. A operação é integrada com o gado: áreas de pasto viram soja, e a palhada vira alimento para o rebanho. Hoje, o sistema de cria e engorda abastece um confinamento em crescimento. “A meta é rodar mil cabeças por ano, em lotes de 90 dias”.

O maior desafio? “É o boi. Alimentação aqui é fácil. Têm bagaço de cana, levedura, bagaço de laranja, tem tudo. O difícil é encontrar boi bom e barato, porque aqui na nossa região tem pouco. A gente tem que buscar longe, mas compensa no custo da comida”, explica.

Enquanto o irmão cuida da parte mecânica, ele está à frente da operação agrícola e da compra de insumos. Apesar da divisão das funções, o espírito de união permanece: “Tudo é nosso, é junto. Meu pai, meu irmão e eu. Cada um com seu pedaço, mas com o mesmo sangue que começou lá atrás, carregando cana nas costas”.

Alta produtividade mesmo com realidade complexa

Sobre os efeitos severos do clima extremo nas lavouras de cana-de-açúcar e soja, o produtor conta que eles conseguiram manter resultados expressivos por meio de um manejo criterioso e do uso de tecnologia. As queimadas precoces e a estiagem prolongada impactaram diretamente o desenvolvimento da cana, especialmente nas áreas mais novas, onde a entrelinha ainda não havia fechado completamente. “Onde pegou fogo cedo, a perda foi maior. Se tivesse sido mais perto da colheita, o impacto seria menor”, explica o produtor.



Adoção da tecnologia é um diferencial apontado por Jean Annibal para diminuir os estragos causados pelo clima

Apesar dos desafios, os resultados não foram desanimadores. Um talhão de cana que costumava produzir 120 toneladas por hectare teve queda para 100 toneladas, mas ainda dentro de uma faixa produtiva aceitável, segundo ele. A soja surpreendeu positivamente: mesmo com a seca, a média foi de 68 sacas por hectare. “Não tivemos prejuízo com a soja. A produtividade foi excelente, considerando as condições”, afirma.

A tecnologia tem sido aliada essencial na superação das adversidades. O produtor utiliza drones para aplicações localizadas, especialmente em áreas mais jovens da cana, onde há maior risco de infestação por pragas.

Na escolha das variedades e nas decisões de replantio, o produtor adota uma abordagem técnica e paciente. Mesmo após o incêndio em uma área plantada com a variedade RB86-7515, ele optou por não trocar o material genético. “Ela tinha ido muito bem no ciclo anterior, então mantivemos. Replantamos só os pontos mais prejudicados”, relata. A equipe acompanha cada talhão de forma individual, com base no histórico e nas condições atuais, o que permite um manejo mais eficiente e menos suscetível a perdas generalizadas.

Apesar da vontade de ampliar a área de soja, o produtor reconhece os desafios. “Eu penso em crescer na soja, mas aqui pra nós o que acontece? O arrendamento está muito caro, o que eleva demais o custo. Você vai plantar numa área hoje que está pedindo 30 sacos, não compensa. Quando eu comeci, quase ninguém plantava soja aqui. Nós fomos os pioneiros, mas foi devagar. Não dá para se empolgar demais”.

Pecuária

Com uma abordagem pés no chão, o produtor também investe na pecuária como forma de diversificar a propriedade e reduzir riscos. O confinamento tem papel estratégico. “Com cinco hectares, você roda 10 mil cabeças de boi no confinamento. Eu reformo uma área da fazenda por ano, planto milho e faço silagem. No verão, planto em outubro e colho verde em fevereiro. Faço o silo para o gado aguentar firme o ano inteiro”. Além disso, ele também mistura bagaço de cana e de laranja e farelo de milho para baratear ainda mais o custo da silagem. “Hoje, um silo de milho pronto custa uns R\$ 300 a tonelada. Com essa mistura, consigo baixar pra uns R\$ 250. Aí dá para rodar mais boi, com custo menor”.



Equipamento da operação de Jean para bater a ração para o confinamento, o produtor aponta que a operação se torna viável devido a farta quantidade de matéria-prima disponível na região, o que equilibra os custos considerando o valor do frete do gado, que precisa vir de regiões mais distantes

Essa diversificação ajuda a manter a fazenda girando sem depender exclusivamente da receita da cana. “O gado paga a conta da propriedade, sem tirar dinheiro da cana. Já investi dinheiro do boi em trator, em estrutura. E tudo começou pequeno. Não adianta querer dar o passo maior que a perna. A gente tem de ir conhecendo aos poucos os novos caminhos”.

Essa prudência vem da experiência de quem já passou por altos e baixos de cada cultura. “Teve

época boa do boi, teve época ruim. Cana também, teve ano excelente, depois veio o fogo, a seca. A soja já foi a R\$ 200 reais a saca, agora tá R\$ 100. Hoje, o produtor tem que ter uma balança. Um equilíbrio”.

Perspectiva para a safra

O entusiasmo com a cana neste ano vinha forte. “Reformei bastante área, estava tudo certo para ser um ano bom. Mas aí veio o fogo de novo. A seca apertou. Até julho, estava tudo indo bem. De repente virou tudo. Estão dizendo que este ano pode ser pior que o passado. Mas pelo menos o solo tá com mais reserva. Choveu um pouco mais”.

O produtor lembra de anos memoráveis, como 2012 e 2013. “Em 2013 choveu três dias seguidos em agosto. Nunca me esqueço, foi uma benção. A produção foi excelente. Hoje, a gente sente falta dessa chuva bem distribuída. Cai 90 mm de uma vez, mas não adianta. Melhor seria dividir em quatro meses, 20 mm por mês”.

Diante das dificuldades, ele critica a ausência de políticas públicas como um problema que poderia ajudar muito o produtor. “Hoje não tem incentivo do governo. E a agricultura é o que move o PIB do país. Todo mundo come. Mas o governo não ajuda, não incentiva.” O sentimento é de frustração, mas também de persistência: “Tem gente que reclama da cana, mas ela é o que segura São Paulo. A gente vai continuar, vai fazer dar certo”.



Ao lado do agrônomo da Copercana, Antônio Toniolo, o produtor sabe que a persistência é o segredo para o sucesso no agro

AUTOCRED

Rural



O financiamento de **caminhonetes e veículos utilitários** que respeita o fluxo de caixa dos **produtores rurais**.

Produtor rural, a **Sicoob Cocred** tem uma linha de financiamento exclusiva pra você.

O Autocred Rural permite o financiamento da sua caminhonete da maneira mais adequada ao seu perfil. Cabine simples ou dupla? Nacional ou importada? Você escolhe!

E a forma de pagamento é flexível de acordo com o ciclo de recebimento da sua produção.



Sem incidência de **IOF** diário
Incidência apenas de tarifa fixa de 0,38%



Financiamento de até **100%** do veículo



Até **7 anos** para pagar



Menor custo efetivo total do mercado

Fale com seu gerente e saiba todos os detalhes

Ouvidoria - 0800 725 0996
Atendimento seg. a sex. - 8h às 20h
www.ouvidoriasicoob.com.br
Deficientes auditivos ou de fala - 0800 940 0458

cocred.com.br
sicoobcocred

SICOOBCOCRED
Vem crescer com a gente.



Fernanda Clariano



Boas práticas agrícolas

Expedição da agricultura para a vida leva capacitação técnica ao homem do campo

Para reforçar a importância da capacitação contínua, alinhando inovação e sustentabilidade no campo, o IAC - Instituto Agronômico de Campinas, em Ribeirão Preto, recebeu em março uma iniciativa inovadora voltada à capacitação de profissionais do setor agropecuário. A “Expedição da Agricultura para a Vida”, promovida pela Corteva em parceria com a AgroEfetiva e a UpHerb, utiliza um caminhão itinerante com

7 metros de comprimento e 3,5 metros de largura como sala de aula, para oferecer treinamentos sobre manejo de pragas, plantas daninhas e doenças, tecnologia de aplicação e segurança no trabalho.

Criado em 2016, o projeto surgiu da necessidade de disseminar informações técnicas a parceiros do setor. Desde então, a expedição percorreu 12 estados do Brasil e três cidades do Paraguai, capacitando mais de 10

mil pessoas com treinamentos voltados a diversas culturas, incluindo soja, milho, cana-de-açúcar, algodão e pastagens. A proposta é não apenas oferecer soluções agrícolas, mas também promover o uso consciente e responsável das tecnologias, garantindo um manejo mais eficiente, seguro e sustentável das lavouras.

O diferencial do projeto está na metodologia utilizada para transmitir conhecimento. A sala de aula móvel é equipada com tecnologia de ponta, proporcionando um aprendizado interativo e dinâmico. Dentre os recursos disponíveis estão uma TV touch screen para apresentações teóricas, pontas de pulverização em formato 3D, placas de petri para identificação de pragas e sementes de plantas daninhas, um insetário para identificação de pragas, um herbário para reconhecimento de plantas daninhas além de óculos de realidade virtual que permitem simular diferentes situações de pulverização.

Do lado de fora, uma tenda equipada com um simulador demonstra a influência do tamanho das gotas

de pulverização conforme a velocidade do vento e a distância do alvo, proporcionando uma compreensão mais prática da aplicação de defensivos agrícolas. Esse recurso auxilia na compreensão de como reduzir desperdícios e impactos ambientais, otimizando o uso de defensivos.

A especialista em boas práticas agrícolas da Corteva, Julliane Fuscaldi, destaca que o compromisso da empresa vai além da oferta de produtos, englobando também a gestão responsável das tecnologias. “Nosso trabalho é garantir que as soluções tecnológicas sejam aplicadas corretamente, promovendo uma colheita farta e de melhor qualidade para os produtores”, afirma.

Com um compromisso sólido com a educação e a tecnologia, a “Expedição da Agricultura para a Vida” segue promovendo a difusão de boas práticas agrícolas, garantindo que produtores, agrônomos e consultores tenham acesso a informações atualizadas e seguras para a condução das lavouras. 🌱



Julliane Fuscaldi, especialista em boas práticas agrícolas da Corteva



Cana Substantivo Feminino reforça o protagonismo das mulheres no setor bioenergético

O evento que está em sua 13ª edição promoveu a valorização, inclusão e protagonismo das mulheres no setor com debates, homenagens e lançamento de livro

Profissionais que atuam em 72 unidades bioenergéticas espalhadas por dez estados brasileiros, produtoras rurais, consultoras, estudantes e representantes de empresas fornecedoras de produtos e serviços se reuniram no mês de março, no Centro de Cana do IAC, em Ribeirão Preto (SP), para participar do 13º Cana Substantivo Feminino - evento voltado às mulheres da agroindústria canavieira.

Com um público de mais de 600 pessoas, o encontro reforçou seu compromisso com a valorização feminina e o estímulo à maior participação das mulheres no setor, por meio de rodas de conversa, painéis inspiradores, atividades práticas com test-drives de tratores e caminhões, exposição com tecnologias de ponta voltadas para o setor e homenagens a lideranças que apoiam essa transformação.



Uma roda de conversa promovida pela Bayer em parceria com o Conexão Agro abordou os desafios enfrentados pelas mulheres no ambiente corporativo e reafirmou o compromisso da Bayer de atingir 50% de liderança feminina até 2030 - meta que, segundo a empresa, poderá ser alcançada antes do previsto.

Outro momento de destaque foi o painel sobre sucessão familiar, que contou com a presença da empresária Elizabeth Anne Lyra Lopes de Farias, filha do industrial Carlos Lyra e de Dona Virginia Lyra. Representando a

Usina Caeté, que este ano completa 60 anos, Elizabeth compartilhou sua trajetória desde a infância ao lado dos pais até sua atuação no setor.

Ela também ressaltou o trabalho social desenvolvido pela Escola Conceição Lyra, mantida pela usina desde a década de 1960. “Tenho orgulho em destacar que meus filhos foram alunos da nossa escola e que muitos ex-alunos hoje atuam como profissionais em nossas empresas. Só através de investimentos na área educacional conquistaremos uma sociedade igualitária”, afirmou.

Prêmio Cana Substantivo Feminino – modalidade “Homens que Apoiam as Mulheres”



Homenageados na modalidade “Homens que apoiam as mulheres”

Durante o evento também foi entregue o Prêmio Cana Substantivo Feminino – modalidade “Homens que Apoiam as Mulheres”, que reconhece lideranças masculinas comprometidas com a equidade de gênero no setor sucroenergético. Os homenageados desta edição foram: Otávio Lage de Siqueira Filho (Jalles),

Antonio Eduardo Toniolo Filho (Grupo Viralcool), Paulo Montabone (Fenasucro & Agrocana), Mauro Alexandre Xavier (Centro de Cana do IAC), Francisco Maia (produtor de cana), Jacyr Costa Filho (Cosag/Fiesp e Agroadvice) e Hugo Cagno Filho (Udop e Usina Vertente). 🌱

Lançamento da 2ª edição do livro “Mulheres da Cana-de-Açúcar”



As homenageadas na 2ª edição do livro “Mulheres da Cana-de-Açúcar”



A gerente de produção e operações da Unigrãos 3 da Copercana, Nádia Paixão Batista com a autora do livro Luciana Paiva



Destaque 3

Fernanda Clariano



Avanço tecnológico e eficiência no campo

26º Seminário de Mecanização e Produção de Cana reforça papel da inovação na sustentabilidade do setor

A mecanização agrícola desempenha um papel fundamental na transformação e modernização da agricultura brasileira. No setor sucroenergético, especialmente na produção de cana-de-açúcar, a incorporação de tecnologias avançadas tem proporcionado ganhos expressivos em produtividade, sustentabilidade

e redução de custos. Essa evolução contínua não apenas amplia a competitividade do agronegócio nacional, como também assegura a viabilidade econômica e ambiental da cadeia produtiva da cana. Nesse contexto, o 26º Seminário de Mecanização e Produção de Cana, realizado pelo Grupo IDEA nos dias 2 e 3 de abril em

Ribeirão Preto (SP), reuniu especialistas, empresas e produtores para apresentar e debater as soluções mais inovadoras do mercado.

Durante os dois dias de evento, os participantes tiveram acesso a apresentações técnicas, métodos, procedimentos e demonstrações práticas voltadas ao aumento da eficiência no campo. Temas como o aumento da TCH (tonelada de cana por hectare) por meio de plantio mecanizado com foco no sistema radicular, colhedoras de duas linhas, logística operacional de colheita e estratégias de capacitação foram destaque na programação.



Dib Nunes - presidente do Grupo IDEA durante o discurso de abertura do evento

O presidente do Grupo IDEA, Dib Nunes, relembrou a trajetória do seminário e a transformação pela qual passou o setor nos últimos 26 anos. “Naquela época, 90% da colheita era manual e feita em cana queimada. Hoje, quase 100% da colheita é mecanizada, com cana crua e tecnologia de ponta. Evoluímos muito, de um problema de mão de obra para uma agricultura 4.0 e além”, afirmou. Ele destacou ainda a importância do reaproveitamento de

resíduos industriais, que passaram de passivos ambientais a subprodutos valiosos para a fertilização do solo.

Entre os destaques do evento, a empresa Teston apresentou seu mais novo equipamento: o Tractor, um transbordo automotriz com capacidade para 22 toneladas, cuja eficiência foi detalhada por Paulo Teston. Na área de manutenção, Dário Willian Sodrê, da D2G Consultoria, abordou a gestão de equipamentos motomecanizados, enfatizando a necessidade de preparar equipes para novos sistemas. Segundo dados de 2023, em 71 usinas analisadas, a manutenção preventiva representou 40% das ações, a corretiva 30% e a preditiva também 30%.

Outro destaque foi a palestra de Wellington Relíquia, da BP Bioenergy, que compartilhou a experiência positiva da empresa com a manutenção linear em toda sua frota de colhedoras. Já Henrique Celestino de Oliveira, da Usina Ester, relatou os benefícios da conservação de solo e da sistematização em áreas acidentadas, contribuindo para a eficiência produtiva e ambiental.

No campo da capacitação, Luiz Carlos Dalben destacou como o planejamento da formação de operadores e motoristas pode reduzir custos ao focar inicialmente nos problemas mais críticos. A Adecoagro também compartilhou sua experiência com 34 colhedoras de duas linhas e os ajustes necessários à adoção desse sistema. Já Sérgio Quassi, da Agroquatro, apresentou um estudo desenvolvido com a DMB e sua plantadora PCP 6000 automatizada, destacando os impactos positivos do plantio mecanizado na produtividade da cana-de-açúcar.

O seminário evidenciou que, para além das máquinas, a evolução do setor depende da integração entre tecnologia, gestão, capacitação e sustentabilidade. A mecanização não apenas facilita o trabalho no campo, mas transforma toda a cadeia produtiva em um sistema mais inteligente, eficiente e alinhado com as demandas do futuro.



Representantes de várias empresas reforçaram em suas apresentações a importância da inovação no setor

Prêmio Usinas Campeãs de Produtividade Agrícola safra 2024/25

Reconhecendo os destaques da safra 2024/2025, o Prêmio Usinas Campeãs de Produtividade Agrícola foi entregue às empresas que obtiveram os melhores desempenhos em produtividade no setor sucroenergético.

Organizado em parceria pelo Grupo IDEA e o CTC, o prêmio tem como objetivo evidenciar os resultados operacionais gerados pela adoção de novas tecnologias no campo, promovendo o aumento da produtividade e competitividade das usinas. Para concorrer, as empresas precisam atender a uma série de critérios técnicos, como moagem mínima de 600 mil toneladas anuais, histórico de pelo menos cinco safras e percentual de cana bis inferior a 5%.

A classificação é feita com base no Índice IDEA, que leva em consideração três parâmetros principais: o TCH

(tonelada de cana por hectare), o teor médio de ATR (açúcar total recuperável) e a idade média dos canaviais, ponderada conforme o estágio da cultura. A fórmula aplicada é: $TCH + (0,67 \times ATR) + (10 \times IDADE \text{ MÉDIA})$. Além disso, para garantir a comparabilidade dos dados, o regulamento também limita a participação de cana planta de 18 meses a no máximo 20% da área de corte.

O prêmio contempla usinas localizadas em importantes regiões produtoras de cana do Brasil, como São Paulo, Goiás, Paraná, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Mais do que um troféu, o reconhecimento simboliza o empenho coletivo dos profissionais que atuam no campo, da pesquisa ao corte, e reforça a importância do investimento contínuo em inovação e gestão agrícola de excelência. 🌱

Confira as usinas campeãs desta edição.

- Araçatuba** – Diana
- Assis** – NovAmérica – Tarumã
- Goiás** – Cerradinho Bioenergia
- Mato Grosso do Sul** – Raízen – Rio Brillhante
- Minas Gerais** – Uberaba
- Piracicaba** – São João
- Ribeirão Preto** – Alta Mogiana
- São José do Rio Preto** – Raízen - Continental

Top 10

Uberaba (campeã brasileira safra 2024/2025)

- Bevap Bioenergética (Hors-Concours)
- Santo Ângelo
- Alta Mogiana
- São João
- Cerradinho Bioenergia
- Raízen – Rio Brillhante
- Delta – Matriz
- Danusa
- Guaira



Mais uma vez, as empresas que se destacaram foram reconhecidas durante o evento



Fernanda Clariano



Multinacional lança nova era da mecanização agrícola com foco em sustentabilidade e eficiência

A Case IH reuniu recentemente um grupo seleto de jornalistas para apresentar 16 novos produtos e aposta em máquinas movidas a etanol como solução viável para a descarbonização do agro

A tecnologia tem promovido mudanças em todos os setores e, na agricultura, essa transformação tem sido acelerada por demandas ambientais, sociais e produtivas. Atenta a esse cenário, a Case IH, multinacional do setor de máquinas e equipamentos agrícolas, apresentou 16 lançamentos entre máquinas,

tecnologias e serviços integrados, a um grupo de jornalistas o qual a Revista Canavieiros se fez presente. A grande novidade, no entanto, é a introdução do conceito de Inteligência Agronômica, um ecossistema que integra equipamentos, soluções e serviços, indo além da simples venda de máquinas.



Christian Gonzalez, vice-presidente da Case IH para a América Latina

A tecnologia tem promovido mudanças em todos os setores e, na agricultura, essa transformação tem sido acelerada por demandas ambientais, sociais e produtivas. Atenta a esse cenário, a Case IH, multinacional do setor de máquinas e equipamentos agrícolas, apresentou 16 lançamentos entre máquinas, tecnologias e serviços integrados, a um grupo de jornalistas o qual a Revista Canavieiros se fez presente. A grande novidade, no entanto, é a introdução do conceito de Inteligência Agronômica, um ecossistema que integra equipamentos, soluções e serviços, indo além da simples venda de máquinas.

“Apresentamos um novo conceito que estamos chamando de Inteligência Agronômica e que contempla um ecossistema composto por máquinas, soluções e serviços. É mais do que vender maquinário, estaremos cada vez mais envolvidos nos resultados da operação agrícola, focados em garantir a produtividade e eficiência que o produtor almeja”, explica Christian Gonzalez, vice-presidente da Case IH para a América Latina.

Entre os destaques estão os modelos Farmall C, Puma MY25, Magnum

MY25, Steiger MY25, Axial-Flow Série 260, além de novas tecnologias como SaveFarm, Drone de Pulverização, Pilotos Raven e FieldOps.

Máquina de cana a etanol, inovação 100% nacional

A grande aposta da Case IH na Agrishow, no entanto, vai além da inovação tecnológica: é a sustentabilidade. A empresa desenvolveu a primeira colhedora de cana-de-açúcar de grande porte movida a etanol, com motor 100% adaptado pela equipe de engenharia brasileira.



Nilson Righi, gerente de marketing tático da Case IH para a América Latina

“Rodamos cerca de 150 horas com a máquina no campo. A versão a diesel tem 420 cvs e já alcançamos 400 cvs com o motor a etanol, o que mostra que estamos muito próximos em desempenho, com possibilidade até de superação”, afirma Nilson Righi, gerente de Marketing Tático da Case IH para América Latina.

A transformação exigiu adaptações técnicas importantes, como a troca de injetores, ajustes nos pistões e a substituição da admissão de gás por uma de etanol. O motor usado, ori-

ginalmente a gás e adotado em caminhões na Europa, foi modificado para oferecer torque adequado às exigências agrícolas.

Etanol: viabilidade e descarbonização

Do ponto de vista logístico, o uso de etanol facilita a rotina das usinas. “Elas já têm caminhões-tanque para levar combustível ao campo. É mais simples do que transportar gás, como no caso do biometano, e o custo atual do etanol também favorece essa mudança”, avalia Righi.

Além de contribuir para a redução de emissões, a tecnologia nacional atende aos níveis do MAR-1 e já passou por testes em dinamômetro e campo. “As usinas têm cobrado essa solução, porque precisam cumprir compromissos de descarbonização e reduzir custos com diesel, que hoje representa cerca de 30% dos gastos operacionais”, completa.

Trator a etanol também é aposta futura

A Case IH também revelou um trator canavieiro movido a etanol, ainda em estágio conceitual. Trata-se de uma adaptação do modelo Puma 230, tradicionalmente usado no transbordo de cana, que contará com motor de 7 litros adaptado do ciclo a gás para o ciclo etanol.

“Ainda não rodamos com ele, mas o objetivo é que, ao longo da safra, a engenharia libere os primeiros testes em campo. O etanol pode se tornar uma alternativa viável para diversos equipamentos, atendendo tanto usinas quanto produtores de milho no Centro-Oeste”, diz Righi. 🌾



Fernanda Clariano



Diretores da Copercana participam do lançamento da 31ª Fenasucro & Agrocana

A Feira Internacional da Bioenergia será realizada de 12 a 15 de agosto, em Sertãozinho/SP com foco em inovação e transição energética

A 31ª edição da Fenasucro & Agrocana foi oficialmente lançada no dia 15 de maio, durante o Seminário da Indústria 2025, realizado no auditório da Sicoob Cocred, em Sertãozinho/SP. A feira

voltada exclusivamente à cadeia de bioenergia reúne os principais fabricantes nacionais e internacionais de equipamentos, soluções e tecnologias para a produção de biocombustíveis e energia limpa.



Da esquerda para a direita - Fábio Soldera (Canaoeste), Juliano Bomfim (Sicoob Cocred), Marcos Roberto Petri (Sicoob Cocred), Ademir José Carota (Sicoob Cocred), Diego Rossaneis (advogado da Canaoeste), Giovanni Bartoletti Rossanez (Copercana), Gustavo Zanini Sverzut (Sicoob Cocred) e Francisco Cesar Urenha (Copercana)

Representando a Copercana, estiveram presentes no evento de lançamento o diretor-presidente executivo Francisco César Urenha e o diretor financeiro e administrativo Giovanni Rossanez.

Com mais de três décadas de história, a feira se consolidou como uma plataforma estratégica de conexão entre a indústria fornecedora e os compradores do setor bioenergético. Em 2025, a expectativa é reunir visitantes qualificados de mais de 60 países, abrangendo setores como bioenergia, etanol de milho, açúcar, alimentos e bebidas, papel e celulose, biodiesel e logística.

A 31ª Fenasucro & Agrocana acontecerá entre os dias 12 e 15 de agosto, no Centro de Eventos Zani, com organização da RX e apoio oficial do CEISE Br. A edição contará com mais de 600 marcas expositivas, mais de 3 mil produtos nacionais e internacionais em exibição, além de uma programação com mais de 100 horas de conteúdo técnico e estratégico. A meta é superar os R\$ 10,7 bilhões em negócios gerados na edição anterior.



Paulo Montabone – diretor da Fenasucro & Agrocana

Segundo o diretor da feira, Paulo Montabone, esta edição marcará um novo ciclo de desenvolvimento. “A 31ª Fenasucro & Agrocana será o ponto de virada para os próximos dez anos do nosso setor. A feira se reposiciona como polo de negócios voltado às novas frentes da bioenergia, com foco em inovação e ampliação das oportunidades comerciais”.

FenaBio

Entre as inovações da edição está o lançamento da FenaBio, novo es-

paço de conferências e exposições voltado exclusivamente à bioenergia. O ambiente trará quatro dias de exposição de soluções e tecnologias em energias renováveis e dois dias dedicados a palestras e debates com especialistas sobre tendências da transição energética.

De acordo com Daniel Pereira, gerente de produto da RX, o novo espaço visa ampliar o escopo da feira, agregando temas como biogás, hidrogênio verde, SAF (combustível sustentável de aviação), eficiência energética e captura de carbono, todos relacionados aos subprodutos do milho e da cana-de-açúcar. “A FenaBio nasce integrada à Fenasucro & Agrocana, com conteúdo relevante, exposições e conexões focadas na bioeconomia, no crescimento da demanda energética e na modernização do setor”, afirmou.

Para Mayra Nardy, diretora de portfólio da RX, a nova fase do evento reforça o compromisso da organizadora com o desenvolvimento do setor. “Nosso propósito é criar eventos com impacto real. Esta edição será marcada pela expansão, pela

convergência de temas estratégicos e pelo fortalecimento de parcerias que constroem o futuro da energia renovável no Brasil.”

Seminário da Indústria – “Desafios e oportunidades da bioenergia”

O lançamento da feira aconteceu durante a abertura do Seminário da Indústria “Desafios e Oportunidades na Cadeia Produtiva da Bioenergia”, promovido pelo CEISE Br. O evento contou com dois painéis de discussão.

O primeiro, intitulado “Novas Rotas de Bioenergias”, reuniu especialistas como Talyta Viana (Abiogás), Leonardo Nakamura (COGEN), Bruno Alves (UNEM, que participou de forma remota) e Luciano Rodrigues (UNICA). O segundo painel, “CPL Bioenergia CEISE Br”, contou

com Antonio Eduardo Toniolo Filho (vice-presidente do CEISE Br e do CIESP Sertãozinho) e Júlia da Motta (subsecretária de Competitividade e Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo).



Rosana Amadeu – presidente do CEISE Br

A presidente do CEISE Br, Rosana Amadeu, destacou o papel do evento como catalisador de mudanças

no setor. “Discutir rotas tecnológicas, políticas públicas e competitividade é essencial para manter o protagonismo do Brasil na transição energética. Vivemos um momento estratégico para ciência, inovação, sustentabilidade e desenvolvimento, com a união de especialistas, lideranças, indústria e governo”.

Rosana também ressaltou o impacto da estreia da FenaBio no fortalecimento da Fenasucro & Agrocana. “Esse novo espaço consolida a feira como o principal ponto de encontro da cadeia de bioenergia, ampliando seu protagonismo nas discussões e lançamentos tecnológicos que impulsionam a transição energética no país. Toda a programação está alinhada a essa missão: acelerar soluções sustentáveis e posicionar o Brasil como referência global em bioenergias”.



Representantes do setor e de entidades marcaram presença no evento



Destaque 6

Fernanda Clariano



Setor sucroenergético reforça seu papel estratégico durante a 9ª edição do Santander DATAGRO Abertura de Safra

Evento realizado em Ribeirão Preto reuniu mais de 1.200 participantes e destacou a força da cana, do açúcar e do etanol na balança comercial, na geração de energia limpa e no protagonismo internacional do Brasil

A 9ª edição do Santander DATAGRO Abertura de Safra Cana, Açúcar e Etanol, realizada em março, consolidou-se como um dos principais eventos de planejamento estratégico do setor sucroenergético no Brasil, reunindo mais de 1.200 participantes entre empresários, executivos de usinas, produtores, fornecedores e lideranças políticas. O encontro aconteceu em formato híbrido, com programação presencial em Ribeirão Preto-SP e transmissão online.

Durante dois dias de intensas discussões, o evento apresentou números expressivos do agronegócio e as perspectivas para a safra 2025/2026, além de reforçar a importância do setor para a economia nacional e o cenário internacional.

Autoridades reforçaram protagonismo do setor

Na abertura, Plínio Nastari, presidente da consultoria DATAGRO, destacou o papel estratégico e resiliente do setor sucroenergético, que em 2023 contribuiu com US\$ 35 bilhões para a balança comercial brasileira, somando exportações de açúcar e etanol e a economia gerada pela substituição de combustíveis fósseis pelo etanol. Autoridades e lideranças políticas e do setor produtivo ressaltaram a importância do segmento para a transição energética, a segurança alimentar e o desenvolvimento sustentável do Brasil.

Gustavo Rattes, presidente da ORPLANA, falou sobre a relevância da cana-de-açúcar para a economia paulista e a necessidade de valorização dos produtores; Rosana Amadeu Silva, presidente do CEISE Br, convidou os presentes para a Fenasucro & Agrocana, destacando a conexão entre indústria e campo; Hugo Cagno, presidente da UDOP, ressaltou os 40 anos da entidade e seu foco em inovação e capacitação; Evandro Gussi, presidente da UNICA, defendeu o E30 (mistura de 30% de etanol à gasolina) como solução imediata para a descarbonização do transporte; Luiz Gustavo Wiechoreki, do Ministério da Agricultura, afirmou que o governo trabalha para a aprovação da mistura E30 ainda este ano; Lucas Bove, deputado estadual, exaltou iniciativas como o programa Rotas Rurais e a Semana do Etanol Paulista; Arnaldo Jardim, deputado federal e vice-presidente da FPA, defendeu a reciprocidade comercial diante da pressão pela entrada do etanol norte-americano, e celebrou conquistas como a lei dos bioinsumos e o “Combustível do Futuro”.

Projeções para a safra 25/26

De acordo com estimativas da consultoria DATAGRO, o Centro-Sul do Brasil deverá processar 612 milhões de toneladas de cana-de-açúcar na próxima safra. O mix de produção destinado ao açúcar deve subir para 51,5%, resultando em 42,35 milhões de toneladas do produto. Já a produção total de etanol, impulsionada pelo crescimento do biocombustível derivado do milho, deve atingir 34,7 bilhões de litros, sendo 10,16 bilhões apenas de etanol de milho.

Esses números demonstram otimismo mesmo diante dos desafios climáticos enfrentados na safra atual. “A precipitação nos meses de março e abril será decisiva para definir o volume de cana disponível, mas a expectativa é de crescimento na produção de açúcar e manutenção da oferta de etanol”, explicou Plínio Nastari, presidente da DATAGRO.

Contribuição recorde do agro para a economia

Nastari destacou o papel estratégico do agronegócio, que gerou em 2024 um saldo líquido de US\$ 123 bilhões na balança comercial brasileira, fruto de US\$ 165 bilhões em exportações e US\$ 42 bilhões em importações. Quando considerada a economia indireta gerada pela substituição da gasolina pelo etanol, a contribuição do agro salta para US\$ 139 bilhões, elevando o saldo real da balança comercial para US\$ 75 bilhões.

O setor sucroenergético foi responsável por US\$ 35 bilhões desse total, um avanço frente aos US\$ 31,2 bilhões registrados em 2023. “Muitas vezes não se contabiliza o impacto positivo da substituição da gasolina pelo etanol, que representa uma economia substancial para o país, tanto do ponto de vista econômico quanto ambiental”, afirmou Nastari.

Etanol: competitividade nacional e destaque global

Dados apresentados mostraram que em 2024 a substituição da gasolina pelo etanol atingiu 45,6% da média nacional, ultrapassando 68% no Mato Grosso, 59% em São Paulo e Goiás, e 47,4% em Minas Gerais. O Brasil também lidera as exportações globais de açúcar, com 57,9% do total mundial e 74,9% do açúcar bruto, com embarques para 177 países.

O evento também promoveu painéis técnicos sobre os principais desafios e tendências do setor, como: Produtividade na cana-de-açúcar; Expansão do etanol de milho; Diversificação com E2G, biogás e captura de CO₂; Perspectivas sobre CBios; Inovações tecnológicas e automação e Gestão digital de ativos e segurança de processos.

O evento reforçou a força do agronegócio brasileiro e do setor sucroenergético como motores de desenvolvimento sustentável e liderança internacional. “Nosso setor tem resiliência, competência e inovação para continuar avançando, mesmo diante de adversidades climáticas e comerciais”, concluiu Plínio Nastari. 🌱



Além de acompanhar as perspectivas para a nova safra, os diretores da Copercana Antonio Eduardo Toniello e Giovanni Bartoletti Rossanez, aproveitaram a oportunidade para se reunir com lideranças do setor e parceiros.



Fernanda Clariano



Educação e união para prevenir incêndios marcam lançamento de campanha da ABAG/RP

Evento reuniu lideranças do agro, educadores e órgãos públicos para reforçar a importância da conscientização e do combate aos incêndios, especialmente no período de estiagem

A 11ª edição da Campanha de Conscientização, Prevenção e Combate aos Incêndios foi oficialmente lançada durante o primeiro encontro de capacitação de professores do programa “Agronegócio na Escola”, promovido pela ABAG/RP (Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto). A iniciativa reforça a união entre educação, setor produtivo e órgãos públicos para enfrentar um problema que ganha força com a chegada da estiagem que são os incêndios.

O evento aconteceu no IAC em Ribeirão Preto e contou com a participação de produtores rurais, coope-

rativistas, lideranças políticas e educadores de nove estados brasileiros. Entre os presentes, o produtor e educador José Antônio Rossato, e o ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, que compartilharam com os professores a importância do cooperativismo e da educação como ferramentas de transformação social e preservação ambiental.

Com inscrições abertas durante todo o ano, o programa “Agronegócio na Escola” é gratuito e voluntário, e está disponível para escolas públicas e privadas de todas as etapas do ensino, desde o Fundamental I até a Edu-

cação de Jovens e Adultos (EJA). A expectativa da ABAG/RP é que, com a participação ativa dos professores, o conhecimento sobre o agronegócio e a importância da prevenção aos incêndios se espalhe por todo o país



Mônica Bergamaschi - presidente do Conselho Consultivo da ABAG/RP

“Essa é a 25ª edição do Programa Educacional Agronegócio na Escola. Já impactamos mais de 300 mil alunos e mais de 5 mil professores. Trabalhar os temas do agronegócio junto à prevenção de incêndios é mais do que prioritário”, destacou a presidente do Conselho Consultivo da ABAG/RP Mônica Bergamaschi,

Durante o encontro, os professores receberam cartilhas didáticas que integram os temas do agronegócio, meio ambiente e cidadania, e também materiais específicos da campanha contra incêndios. “A responsabilidade de evitar o fogo não é apenas do setor canavieiro. É de todos nós. O incêndio do ano passado mostrou que o problema pode chegar muito perto de casa”, alertou a advogada Marta Maria Santos.



Professores envolvidos no programa “Agronegócio na Escola”, receberam a cartilha de conscientização da campanha “Incêndios: Previna!”

A nova cartilha lançada pela Secretaria de Agricultura amplia esse compromisso, com foco na prevenção de incêndios florestais e na valorização do trabalho dos agentes de combate ao fogo, como o Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil. A cartilha se soma às já existentes, como a da Portaria 16, voltada ao setor produtivo, e a educativa, distribuída em escolas.

O promotor de Justiça de Meio Ambiente de São Carlos, Dr. Flávio Okamoto, relatou experiências positivas da cidade com a criação de programas de educação ambiental nas escolas e a adoção de técnicas de queima prescrita para reduzir focos

de incêndio. Ele também destacou a criação de um plano de auxílio mútuo com apoio do setor privado. “Sem as usinas, sem os brigadistas, sem os equipamentos, não teríamos conseguido controlar os incêndios do ano passado. Precisamos reconhecer essa parceria entre público e privado”, afirmou.

Eliseu Sacoman, coordenador da Defesa Civil de Ribeirão Preto, reforçou o papel da educação para a mudança de cultura e a formação de uma nova geração consciente. “A presença dos educadores é essencial. Só com educação desde cedo poderemos colher resultados duradouros na prevenção”.



Representantes do setor público reforçaram a importância da prevenção de incêndios e do trabalho conjunto para coibir práticas criminosas



Marcos Fava Neves

Marcos Fava Neves é professor Titular (em tempo parcial) das Faculdades de Administração da USP (Ribeirão Preto - SP) da FGV (São Paulo - SP) e da Harven Agribusiness School (Ribeirão Preto - SP). É especialista em Planejamento Estratégico do Agronegócio. Confira textos e outros materiais em DoutorAgro.com e veja os vídeos no Youtube (Marcos Fava Neves).

Vinicius Cambaúva é associado na Markestrat Group e professor na Harven Agribusiness School, em Ribeirão Preto - SP. Engenheiro-Agrônomo pela FCAV/UNESP e mestre em Administração pela FEA-RP/USP. É especialista em comunicação estratégica no agro.

Beatriz Papa Casagrande é consultora na Markestrat Group, aluna de mestrado em Administração de Organizações na FEA-RP/USP e especialista em inteligência de mercado para o agronegócio.

Coluna de Mercado

“Engenheiro Agrônomo Manoel Ortolan”

Moagem em 2025/26 Começa mais Lenta por Conta do Clima

Reflexões dos fatos e números do agro em abril/maio e o que acompanhar em junho

Na economia mundial e brasileira

- O Banco Central divulgou novas projeções econômicas para o país em mais um relatório do Boletim Focus publicado em 26/05. Para o IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), a expectativa é de 5,5% em 2025 (queda mensal) e 4,5% em 2026 (manutenção). Em relação ao crescimento do PIB (Produto Interno Bruto), a estimativa é de que chegue a 2,14% no final (alta) deste ano e 1,70% no próximo (estável). No câmbio, a projeção caiu para R\$ 5,80 em 2025 e para R\$ 5,90 em 2026. Para finalizar, a taxa Selic foi para 14,75% neste ano (queda) e 12,50% no ano subsequente (manutenção).

No agro mundial e brasileiro

- O Índice de Preços dos Alimentos calculado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) atingiu média de 128,3 pontos em abril, representando um aumento de 1% em relação a março. A elevação nos preços de cereais, laticínios e carnes superou as quedas registradas nos óleos vegetais e no açúcar. A valorização dos cereais (+1,2%) foi impulsionada

pelo trigo, sustentado pela limitação na oferta da Rússia. O milho também teve alta, com estoques internos mais apertados nos Estados Unidos e ajustes nas medidas tarifárias norte-americanas que incluíram isenções ao México e a outros parceiros. O aumento das carnes (+3,2%) foi liderado pela suína, graças a retomada do status sanitário da Alemanha como livre de febre aftosa e consequente recuperação das exportações da União Europeia. Nos bovinos, Austrália e Brasil foram destaques, refletindo oferta global limitada e demanda estável. A carne de aves teve alta moderada, com destaque para o Brasil, onde a demanda externa aquecida e a desaceleração no processamento ligada às festividades elevaram os preços, resta ver mês que vem com o evento de gripe aviária. Nos laticínios (+2,4%), a manteiga atingiu recorde histórico, puxada por estoques reduzidos e forte demanda por gordura do leite, principalmente na Europa.

- Por outro lado, os óleos vegetais recuaram (-2,3%), puxados pela forte queda do óleo de palma, relacionado à recuperação da oferta nos países produtores do Sudeste Asiático. Já os óleos de soja e canola foram impulsionados, respectivamente, por demanda global persistente e aperto na oferta com o fim do ciclo produtivo 2024/25. Por fim, o açúcar caiu (-3,5%) por influência de preocupações com a economia global e o impacto sobre a demanda dos setores de bebidas e alimentos processados.
- No Brasil, o 8º relatório da Conab (Companhia Nacional de Abastecimento) elevou a previsão para a colheita de grãos de 2024/25 de 330,4 milhões de t em abril para 332,9 milhões de t em maio, uma produção que deve ser 11,9% superior à do ciclo anterior. O aumento na área foi discreto na projeção de maio: de 81,6 para 81,7 milhões de ha, permanecendo 2,2% superior à safra anterior, ou 1,8 milhão de ha adicionais.

No milho

- No primeiro relatório do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos), a produção de milho foi estimada em 1.265 mi de t em maio. Se concretizada, a oferta será a maior já registrada,

superando o recorde de 2023/24 (quando foram produzidas 1.230 mi de t) e superando em 3,6% a safra de 2024/25 (estimada em 1.221 mi de t); ou 43,70 mi de t a mais. O USDA elevou os números para todos os principais produtores: China, 295 mi de t (+0,03%); Estados Unidos, 401,8 mi de t (+6,4%); Brasil, 131 mi de t (+0,8%); União Europeia, 60 mi de t (+1,1%); e Argentina com 53 mi de t (+6,0%). Em 2025/26, espera-se que os estoques finais de milho sejam de 277,8 milhões de t, uma redução de 3,2% em relação ao ciclo anterior, ou seja, 9,4 milhões de t a menos.

- Até o dia 18 de maio, 78% das áreas de milho já haviam sido plantadas nos Estados Unidos, em comparação com 67% no mesmo período do ano passado; e 73% na média dos últimos cinco anos, ritmo bem acelerado.
- No Brasil, a Conab elevou a previsão para a produção de milho em 2024/25, com produtividades acima do ciclo anterior e das estimadas de início de safra, para 126,9 milhões de t. Se confirmada, a oferta do cereal será 9,9% superior à do ciclo passado. A produção entre as safras de milho está distribuída da seguinte forma: 24,7 mi de t na 1ª safra (+7,5%); 99,8 mi de t na 2ª safra (+10,8%); e 2,4 mi de t na 3ª safra (-3,8%). A produtividade do milho está estimada em 5.933 kg/ha, alta de 8,1%.
- Até o dia 17 de maio, a colheita do milho 1ª safra atingiu 82,3% de progresso, versus 78,4% no mesmo período de 2024; e 79,2% na média dos últimos 5 anos. A redução das precipitações tem favorecido o bom desempenho na colheita (operações) da safra atual. Os estados do Paraná e São Paulo já finalizaram a colheita, enquanto Santa Catarina (99,6%), Bahia, Minas Gerais (ambos com 96,0%) e Rio Grande do Sul (95,0%) encaminham-se para o fechamento. No milho 2ª safra, o plantio já está finalizado e as áreas apresentam o seguinte estágio fenológico: 4,1% estão em desenvolvimento vegetativo; 21,6% em floração; 67,3% em enchimento de grãos; e 7,0% em maturação.
- Em Chicago, os contratos de milho para vencimento em jul/25 estavam cotados em US\$ 4,590/bushel em 26/05, 5,0% menor do que o preço registrado há um mês (US\$ 4,834/bushel).

Na soja

- A primeira previsão do USDA para a safra 2025/26 de soja é de 426,8 mi de t. Se confirmada, a produção da oleaginosa deve ser 1,4% superior à safra atual, entregando 5,3 mi de t adicionais. Dos três principais produtores, apenas o Brasil deve produzir mais do que na safra anterior: com 175 mi de t (+3,5%). Os Estados Unidos devem produzir 118,1 mi de t (-0,6%); e Argentina 48,5 mi de t (-1,0%). Os estoques finais devem contabilizar 124,3 mi de t, 0,9% maiores ou 1,1 mi de t adicional.
- Nos Estados Unidos, até o dia 18 de maio, 66% das lavouras de soja haviam sido semeadas, 16 pontos percentuais acima dos 50% registrados no mesmo dia de 2024; e 13 pontos percentuais acima dos 53%, que representa a média dos últimos 5 ciclos.
- A Conab elevou as estatísticas da produção de soja no Brasil em 2024/25 de 167,9 (abril) para 168,3 mi de t (maio). Esses resultados indicam que a produção de soja será 14% maior do que a safra anterior, totalizando 20,6 milhões de t adicionais. A produtividade média nacional deve atingir 3.536 kg/ha, crescimento de 10,5%. Em diversos estados, as produtividades alcançadas bateram recordes históricos da Conab, com o clima e o bom manejo contribuindo.
- Até o dia 17 de maio, 99% das áreas nacionais de soja já haviam sido colhidas, um pouco acima dos 97% registrados um ano antes; e 98,5% na média dos últimos cinco anos. Estados que já concluíram a colheita: TO, MT, MS, GO, MG, SP e PR; a finalizar: PI e BA (ambos com 99,0%), RS (97,0%), SC (96,9%) e MA (85,0%).
- No mercado futuro (Chicago), o contrato jul/25 da soja foi cotado a US\$ 10,60/bushel no dia 26/05, apenas 0,4% superior ao preço dos últimos 30 dias (era de US\$ 10,56/bushel).

No algodão

- A primeira estimativa do USDA para a safra de 2025/26 trouxe uma redução na produção global da pluma: 25,65 mi de t versus 26,36 da safra 2024/25. A China, maior produtora, deve ofertar

6,3 mi de t (-9,4%), seguida pela Índia com 5,3 mi de t (-2,0%), Brasil com 4,0 mi de t (+6,9%) e Estados Unidos com 3,2 mi de t (+0,6%). Os estoques finais de pluma devem atingir 17,1 milhões de t, o mesmo que em 2023/24.

- Até 18 de maio, o plantio de algodão nos Estados Unidos tinha avançado 40%, 2 pontos percentuais a menos do que no mesmo período de 2024; e 3 pontos percentuais a menos do que a média dos últimos 5 ciclos.
- A Conab manteve a estimativa da produção no Brasil em 3,9 mi de t da pluma no mês de maio, com boas condições das lavouras de forma geral. Assim, a produção neste ciclo será 5,5% superior ao passado. A área permaneceu em 2,08 mi de ha (+7,2%), enquanto a produtividade média nacional está em 2.638 kg/ha de algodão em caroço (-1,6%).
- Com o plantio concluído, as lavouras têm mostrado um bom progresso, beneficiadas pelo clima favorável, com 70% das áreas em fase de formação de maçãs, 29% em maturação, 1% em floração e apenas 0,2% em desenvolvimento vegetativo.
- Em Nova Iorque, o contrato futuro com vencimento em jul/25 estava cotado em 66,11 centavos de dólar por libra-peso em 26/05, queda de 3,9% no comparativo mensal (em 23/04, estava em 68,79 cents/lbp).

Outras culturas

- Nas culturas de inverno, a Conab estimou nova baixa na produção da categoria: de 10,40 mi de t (abril) para 10,20 mi de t (maio), em vista da redução na área de trigo em alguns estados que já iniciaram a safra (PR, MG, SP, GO e BA); e de outros estados (RS e SC) que ainda seguem em planejamento e podem reduzir suas áreas. A produção por cultura deve ser dividida da seguinte forma: trigo com 8,25 mi de t (+4,6%); 1,11 mi de t de aveia (+6,6%); 510,2 mil t de cevada (+16,4%); e 295,1 mil t de canola (+50,9%). A área destinada às culturas de inverno deve atingir 3,53 mi de ha, uma queda de 7,9% em relação ao ciclo 2023/24.
- Em abril, as exportações brasileiras de produtos do agronegócio atingiram um montante finan-

ceiro de US\$ 15,03 bilhões, o que representa um aumento de 0,4% se comparado ao mesmo mês de 2024, refletindo a combinação entre preços internacionais mais elevados (+3,9%) e ligeira queda no volume embarcado (-3,4%). A valorização foi puxada por produtos como café e celulose, uma vez que o principal item de exportação – a soja em grãos – sentiu pressão com a queda de 9,7% no preço médio da t (totalizando US\$ 5,9 bilhões), mesmo embarcando um volume de 15,3 milhões de t. Enquanto isso, o café verde atingiu US\$ 1,2 bilhão em faturamento, o maior valor já registrado para o mês, devido valorização do grão no mercado externo. Os dados são da Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI/Mapa).

- Os principais produtos exportados em abril foram: soja em grãos (US\$ 5,9 bilhões | -6,1%); café verde (US\$ 1,2 bilhão | +36,3%); carne bovina in natura (US\$ 1,2 bilhões | +29,1%); farelo de soja (US\$ 788,0 milhões | -10,6%) e carne de frango in natura (US\$ 777,0 milhões | -6,7%). Os seis setores do topo do ranking de exportação entre janeiro e abril de 2025 foram: complexo soja (US\$ 17,7 bilhões | participação de 33,6%); carnes (US\$ 9,2 bilhões | 17,5%); produtos florestais (US\$ 5,7 bilhões | 10,8%); café (US\$ 5,4 bilhões | 10,3%); complexo sucroalcooleiro (US\$ 3,8 bilhões | 7,1%) e fibras e produtos têxteis (US\$ 2,1 bilhões | 4,0%). Juntos, representaram 83,3% das exportações do agro brasileiro. Já as importações foram de US\$ 1,69 bilhão, queda de 2,4% em relação ao mesmo período de 2024.
- O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) atualizou o Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP) em abril para R\$ 1,439 trilhão, 11,4% maior do que o registrado há um ano. Desse montante, as lavouras responderam por R\$ 956,1 bilhões (+11,3%), enquanto a pecuária foi responsável por R\$ 483,57 (+11,5%). Os destaques de maior crescimento no primeiro segmento foram o café (+59,2%); mamona (+36,7%); milho (+27,0%); amendoim (+22,8%) e cacau (+21,4%). No entanto, os produtos que mais contribuíram para o valor foram, em ordem: soja (R\$ 324,6 | 22,5% de

participação); milho (R\$ 162,0 | 11,3%); café (R\$ 127,9 | 8,9%) e cana-de-açúcar (R\$ 124,3 | 8,6%). Na pecuária, todos os produtos registraram crescimento, mas os destaques foram para bovinos (+19,5%) e ovos (+16,0%). Enquanto isso, os que mais participaram do resultado foram os bovinos (R\$ 205,3 | 14,3%) e frango (R\$ 115,9 | 8,1%).

- No dia 15/05 foi confirmado o primeiro caso de gripe aviária em uma granja comercial no Brasil, em Montenegro, no Rio Grande do Sul. Desde então, ações de contenção e erradicação previstas no plano nacional de contingência foram iniciadas. Enquanto isso, diversos países suspenderam importações de carne de frango do país, e outros, apenas da região foco. Demais casos que estavam sob investigação testaram negativo e, com ausência de novos focos, o Brasil aguarda a reabertura para embarques, o que pode ocorrer após 28 dias da completa desinfecção da área afetada. O Mapa ressalta que a doença não é transmitida pelo consumo de carne de frango ou ovos, ou seja, os produtos devidamente inspecionados seguem seguros para a alimentação, sem necessidade de restrições. O risco de infecção em humanos é baixo e, quando ocorre, está geralmente ligado ao contato direto com aves contaminadas, principalmente em situações de manejo.
- O Fundecitrus, Fundo de Defesa da Citricultura, divulgou a 1ª estimativa para a safra 2025/26 de laranja do cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro. A perspectiva projetou a temporada em 314,6 milhões de caixas (40,8 kg), o que representa um crescimento de 36,3% em relação à safra anterior, estimada em 230,9 milhões de caixas. A projeção retorna à produção dentro da faixa média dos últimos 10 anos, ainda com um ligeiro aumento de 4,8%. A expectativa de uma safra mais abundante se deve principalmente ao aumento do número de frutos por árvore, resultante das condições climáticas favoráveis à segunda florada e da melhoria no manejo dos pomares, além do maior número de árvores em produção no parque citrícola pela entrada de 12,7 milhões de árvores de plantios recentes em produção.

- Concluindo nossa seção de análise do agro, apresentamos os principais preços de produtos do setor na ocasião do fechamento da nossa coluna. No milho, considerando dados de cooperativa do estado de São Paulo, o preço físico era de R\$ 62,00/sc; já o contrato para mar/2026 (B3) estava em R\$ 72,97. Na soja, o preço Spot estava em R\$ 128,00/sc e a entrega para mar/26 em R\$ 130,00/sc. O algodão (Base Esalq) era cotado a R\$ 146,10/@. O trigo, estava em R\$ 1.500,00/t (FOB). Demais preços, considerando dados do Cepea, seguem na sequência: café arábica em R\$ 2.418,36/sc, queda de 7,6%; laranja para indústria em R\$ 45,47/cx (40,8kg) a prazo, queda mensal de 2,7%; e o boi gordo em R\$ 301,00/@, redução de 5,6% no mês.

Os cinco fatos do agro para acompanhar em junho são:

1. Finalização do plantio da safra 2025/26 de grãos nos Estados Unidos e, a partir de agora, olhar com frequência para a condição das lavouras e clima. Vale lembrar que os americanos anteciparam bastante o plantio nesse ciclo; e que, possivelmente, a safra deve ser beneficiada por isso. Solidez na oferta derruba preços, a não ser que eventos climáticos inferiram na produção. Vamos acompanhar!
2. Reações dos mercados a 1ª estimativa do USDA para a safra 2025/26 global de grãos. A tendência é que seja mais um ciclo de preços atuais (ou até baixas) e margens apertadas. Na soja, a depender da produção nos EUA, o cenário pode melhorar um pouco. No milho, apesar de termos adiante uma das maiores produções da história, o consumo deve crescer bastante com os preços atuais, reduzindo os estoques. Oscilações momentâneas podem favorecer preços... e precisamos aproveitar essas janelas.
3. Andamento da 2ª safra de milho no Brasil, onde a maior parte (70%) está em enchimento de grãos. Este é o momento em que eventuais problemas com o clima podem impactar a oferta. Ao que parece, as condições estão positivas. Acompanhar também o início e evolução do plantio da

safra de inverno no Brasil. Temos acompanhado a tendência de menor investimento pelos agricultores neste ciclo, com provável queda na área de trigo já sendo estimada.

4. Acompanhar diariamente a situação da gripe aviária no Brasil: até o fechamento da nossa coluna, 18 casos estavam em investigação; sete haviam sido descartados; e dois casos foram confirmados, sendo um em ave silvestre e outro em granja comercial. Com a suspensão de importação da China e países da União Europeia, precisamos avaliar o controle rápido da situação para evitar grandes impactos nas cadeias da pecuária e de grãos (rações, farelo e outras).
5. Por fim, seguir acompanhando o câmbio e as decisões políticas que impactam na economia, tais como o recuo na questão do IOF e o desgaste político gerada em diferentes alas do governo. Continuar de olho também na geopolítica global, incluindo EUA e China; e os fatos que envolvem Trump e Putin na pauta relacionada à guerra da Ucrânia.

Reflexões dos fatos e números da cana em abril/maio e o que acompanhar em junho:

Na cana

- A safra 2025/26 na região Centro-Sul teve início com ritmo mais devagar de moagem, reflexo das condições climáticas adversas registradas em importantes polos produtores. Desde o começo da temporada até o final de abril, foram processadas 34,2 milhões de t de cana-de-açúcar, retração de 32,9% frente ao mesmo período do ciclo anterior (51,1 milhões de t). Apenas na 2ª quinzena de abril, a moagem totalizou 17,7 milhões de t, 49,3% inferior ao registrado no mesmo intervalo da safra passada. Segundo o diretor de Inteligência Setorial da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar e Bioenergia), as chuvas no oeste paulista, Mato Grosso do Sul e Paraná dificultaram as operações de colheita e impactaram o desempenho industrial no período.
- Apesar do recuo na moagem, a estrutura produtiva se manteve ativa. Ao final da 2ª metade de abril, 222 unidades estavam em operação na região Centro-Sul (eram 221 em 2024/25), sendo 205 proces-

sadoras de cana, 10 produtoras de etanol de milho e 7 usinas flex. Já em relação a qualidade da matéria-prima, o índice de Açúcares Totais Recuperáveis (ATR) caiu para 110,6 kg/t na última quinzena de abril, redução de 3,9% em relação ao mesmo período do ciclo anterior (115,2 kg/t). No acumulado da safra, o ATR atingiu 106,9 kg/t, variação negativa de 4,9% na comparação com o ciclo passado.

- Depois de um ciclo de resultados excepcionais, o setor sucroenergético enfrentou desafios na safra 2024/25. Segundo o Pecege, a média de produtividade foi 77,2 t/ha (-11,1% frente ao recorde de 86,8 t/ha de 2023/24). Apesar da redução, o desempenho ainda supera a média histórica desde 2014/15, o que levanta questionamentos sobre se a atual safra foi realmente fraca ou apenas retornou a patamares mais usuais após um ano atípico. De toda forma, esse cenário impactou os custos, ficando na faixa de R\$ 159/t (+8,9%). O estresse hídrico causado pelo calor excessivo e os incêndios comprometeu a qualidade do caldo da cana, enquanto o aumento no preço do diesel elevou os custos nas operações de corte, transbordo e transporte. Por outro lado, a queda nos preços dos insumos agrícolas ajudou a compensar parte das pressões.
- Para 2025/26, a StoneX manteve sua projeção de moagem de 608,5 milhões de t de cana no Centro-Sul, queda de 2,1% ante 2024/25, apesar de ajustes na área colhida (-200 mil ha) e produtividade (78,1 t/ha). A redução na área é atribuída a renovações aceleradas e queimadas em 2024, que afetaram 470 mil ha. A produção de açúcar deve atingir 41,7 milhões de t (+3,9%), 2º maior volume histórico, com exportações estimadas em 32,6 milhões de t. O ATR médio foi revisado para 141,2 kg/t (+0,89%), e o mix deve manter 51% para açúcar. Para o etanol, a competitividade frente à gasolina deve ser menor, com produção total prevista em 34,5 bilhões de litros (-1,3%). A queda é compensada parcialmente pelo etanol de milho, que pode chegar a 9,8 bilhões de litros (+19,6%), com expansão de unidades no Mato Grosso.

No açúcar

- A produção somou 856,1 mil t na 2ª quinzena de abril, recuo de 53,8% em relação ao mesmo perí-

odo da safra passada (1,8 milhão de t). No acumulado até 1º de maio, a produção do adoçante totaliza 1,6 milhão de t (-38,6%). No mix de produção, 45,82% da cana foi destinada à fabricação de açúcar, levemente abaixo dos 48,22% observados no mesmo período do ciclo anterior, de acordo com a Unica.

- Enquanto isso, a exportação de açúcar em abril foi a menor em dois anos, totalizando 1,5 milhão de t (-17,7% na comparação anual), segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Apesar do início da moagem 2025/26 no mês anterior, os estoques ainda são baixos: em torno de 70% inferiores na média do 1º trimestre em relação à média histórica no período de acordo com a Safras & Mercado). O valor exportado foi de US\$ 717,9 milhões (-24,3%), enquanto os preços médios ficaram em R\$ 462,4 (-7,9%).
- A temporada global de açúcar 2025/26 inicia com um cenário de oferta ampla, mesmo que as importações possam ganhar força em grandes países produtores, segundo análise da StoneX durante a 13ª Conferência Anual de Açúcar e Etanol em Nova Iorque. A consultoria projeta um superávit de 3,7 milhões de t para o ciclo, o 3º excedente em quatro safras. Já a Datagro projeta um superávit global de 1,5 milhão de t, impulsionado pela safra brasileira que deve alcançar 42,0 milhões de t. Brasil, Índia, Tailândia e Paquistão devem expandir a produção, reforçando a disponibilidade global a médio prazo. Por outro lado, a Alvean (maior trading de açúcar do mundo) revisou para baixo sua projeção de superávit na safra 2025/26, reduzindo de 1,5 milhão para apenas 400 mil t, alertando sobre riscos climáticos e logísticos subestimados.
- Após um déficit significativo em 2024/25, estimado agora em 5,5 milhões de t pela Organização Internacional do Açúcar (ISO) - o maior em nove anos - o mercado internacional se apoia em estoques recompostos graças aos superávits acumulados em ciclos anteriores (2022/23 e 2023/24). A StoneX ressalta que a demanda por importações deve se intensificar apenas a partir do terceiro trimestre de 2025, enquanto compradores seguem adiando compras na expectativa de quedas de preços.

- O consumo global de açúcar segue em expansão, com crescimento médio de 1,1% ao ano nos últimos 15 anos, segundo estudo da StoneX obtido pelo NovaCana. A previsão para a temporada 2024/25 (outubro a setembro) aponta que a demanda atingirá 178 milhões de t em equivalente branco ou 193,6 milhões em valor bruto. O aumento é impulsionado principalmente por países emergentes, embora regiões desenvolvidas como Europa, Oceania e Américas enfrentem tendência oposta devido a mudanças alimentares, substituição por alternativas e desaceleração populacional. Ásia e África lideram o crescimento, com avanços médios de 1,1% e 2,2% ao ano, respectivamente, impulsionados pela industrialização e maior acesso a alimentos processados.
- Em Nova Iorque, o contrato do açúcar para jul/25 fechou em 17,34 centavos de dólar por libra-peso em 20/05, data de fechamento da nossa coluna, seguindo tendência de queda diante das expectativas de recuperação dos principais países produtores e superávit global. Já o contrato de out/25 ficou em 17,53 cents/lbp. Já no mercado interno, o açúcar cristal branco (base Cepea/Esalq) em São Paulo estava cotado em R\$ 133,27/sc (50 kg), uma queda acentuada de 8,0% em relação ao último mês.

No etanol

- No acumulado da safra, a produção soma 1,9 bilhão de litros (-19,0%), sendo 1,4 bilhão de litros de hidratado (-19,6%) e 465,1 milhões de litros de anidro (-17,3%). Quanto ao etanol produzido a partir do milho, desde o início da safra já foram produzidos 716,9 milhões de litros, avanço de 31,2% na comparação anual. Dados também da Unica.
- As vendas de etanol em abril somaram 2,8 bilhões de litros, queda de 3,5% em relação ao mesmo mês do ciclo passado. O etanol hidratado respondeu por 1,8 bilhão de litros (-6,4%) e o anidro, por 946,8 milhões de litros (+2,8%). No mercado interno, o hidratado somou 1,8 bilhão de litros (-4,1%) e o anidro, 904,9 milhões de litros (+1,0%). Com isso, as vendas domésticas totalizaram 2,7 bilhões de litros (-2,4% frente a abril de 2024).
- Foi a competitividade do etanol hidratado nas bombas que sustentou a demanda no mercado interno. Segundo a Unica, o preço médio do etanol correspondeu a 68,3% do valor da gasolina no país, mantendo o biocombustível como alternativa economicamente vantajosa para o consumidor. Na semana de 04/05 a 10/05, um levantamento da ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) apontou que em 184 dos 372 municípios pesquisados, o preço do etanol estava abaixo da paridade com a gasolina. Nos estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, todos os municípios amostrados registraram vantagem econômica para o uso do biocombustível.
- Em abril, as exportações de etanol totalizaram 59 milhões de litros, queda de 34,8% frente ao mesmo mês de 2024. O destaque negativo foi para o etanol hidratado, com recuo de 73,7% (17,2 mi de litros). Já o etanol anidro apresentou aumento de 66,7%, com embarques de 41,9 milhões de litros.
- No mercado de CBios, até 12/05 foram emitidos 15,5 milhões de créditos de descarbonização por produtores de biocombustíveis. O volume disponível para negociação (incluindo obrigados, não obrigados e emissores) atingiu 25,8 milhões de CBios. Com os créditos já aposentados, o setor alcançou cerca de 65% da meta anual do RenovaBio para 2025.
- O setor do etanol de milho consome 20 milhões de t do cereal, volume que pode mais que dobrar em curto prazo, impulsionado por investimentos em novas usinas e possível elevação da mistura obrigatória de etanol na gasolina (de 27% para 30%). Analistas do Citibank projetam que a produção de etanol de milho irá saltar para 16,0 bilhões de litros até 2032, ante 9,5 bilhões previstos para 2024/25, consolidando o Brasil como líder em biocombustíveis alternativos. Além do milho, o sorgo surge como alternativa promissora, com espaço para expandir o cultivo, principalmente entre agricultores que perdem a janela ideal de plantio do milho safrinha.

- No relatório divulgado pela SCA do Brasil em 27/05, os preços do etanol estavam em R\$ 3,210/l para o hidratado (queda semanal de 2,7%) e em R\$ 3,250/l para o anidro (queda de 1,5%). Os valores consideram a praça de Ribeirão Preto (SP) como referência e já incluem os impostos.

Valor do ATR: em abril, primeiro mês da safra 2025/26, não houve atualização para os preços do Açúcar Total Recuperável (ATR) pelo Consecana. A safra 2024/25 fechou mar/2025 com valor mensal de R\$ 1,2478/kg; e o acumulado em R\$ 1,1926/kg. Vamos aguardar as divulgações de novos preços, com provável ajuste na metodologia que vem sendo desenvolvida nos últimos meses. Nossa expectativa é de que, com menos cana e clima favorável, o ATR feche o presente ciclo em R\$ 1,18/kg ou até um pouco acima.

Para concluir, os cinco principais fatos para acompanhar em fevereiro na cadeia da cana:

1. Monitorar os impactos do clima. O início da safra 2025/26 no Centro-Sul foi lento por conta das chuvas em algumas regiões, mas o ritmo de colheita deve ganhar tração, bem como a provável queda na produtividade e produção.
2. Observar as estratégias das usinas quanto ao mix de produção, tendo em vista as mínimas do açúcar bruto (abaixo de 17 cents/lbp), e a competitividade do etanol nas bombas. Há sinalização de que podem reavaliar o mix, com possível aumento para o biocombustível. Observar os preços do petróleo.
3. Recuperação da produção de açúcar da Índia e Tailândia, onde as condições climáticas ainda são incertas. Apesar de um superávit global estimado entre 0,4 e 3,7 milhões de t para 2025/26, as entregas brasileiras acima do esperado entre março e maio - e menor aquisição chinesa - têm pressionado preços.
4. Ganho de relevância para o etanol de milho. É importante acompanhar investimentos em novas usinas, volume de milho disponível e eventuais discussões regulatórias. Além disso, o avanço de culturas alternativas como o sorgo deve entrar no radar, pois pode impactar a estrutura produtiva futura.
5. Acompanhar as negociações e acordos no mercado internacional, com atenção aos movimentos dos Estados Unidos e China (grandes parceiros comerciais do

Brasil). A recente redução tarifária entre Estados Unidos e China não representa um cenário internacional mais desordenado e imprevisível. 🌱

Homenageado do Mês



Neste mês, nossa singela homenagem vai para o Prof. Dr. Henrique Vianna de Amorim. Amorim graduou-se em Agronomia pela Universidade de São Paulo (ESALQ/USP) em 1966. Posteriormente, obteve o título de mestre em Botânica pela Ohio State University, em 1970, e concluiu seu doutorado em Agronomia, também na ESALQ/USP, em 1972. Sua carreira acadêmica inclui a atuação como professor na ESALQ/USP, de 1970 até sua aposentadoria em 2001. Especialista em bioquímica dos microrganismos, Amorim dedicou-se ao estudo da fermentação alcoólica, qualidade da cana-de-açúcar e controle de processos industriais. Em 1980, fundou a Fermentec, uma das mais importantes empresas de pesquisa, desenvolvimento e transferência de tecnologia para usinas e destilarias no Brasil e no exterior. Henrique Vianna de Amorim é considerado uma referência no setor sucroalcooleiro, tendo influenciado significativamente a modernização e eficiência das usinas do setor. Fica aqui, também, o nosso reconhecimento a este grande ser humano.



Aviso aos anunciantes:

Os anúncios serão mantidos por até 3 edições. Caso a atualização não seja feita dentro deste prazo, os mesmos serão automaticamente excluídos!

A Revista Canavieiros não se responsabiliza pelos anúncios constantes em nosso Classificados, que são de responsabilidade exclusiva de cada anunciante. Cabe ao consumidor assegurar-se de que o negócio é idôneo antes de realizar qualquer transação.

A Revista Canavieiros não realiza intermediação das vendas e compras, trocas ou qualquer tipo de transação feita pelos leitores, tratando-se de serviço exclusivamente de disponibilização de mídia para divulgação. A transação é feita diretamente entre as partes interessadas.



VENDE-SE

- Área de 18 alqueires no município de Ituverava/SP, com georreferenciamento, ideal para ser usada como reserva legal, valor: R\$ 1.080.000,00. Tratar com Paulo pelo telefone: (16) 3839-7506

VENDE-SE

- Trator New Holland TL 85, ano 2013, cabinado original, 4.000 horas, quatro pneus novos. Tratar com Antonio Carlos pelo telefone: (16) 98128-3344

VENDE-SE

- Propriedade de 2.104 hectares, toda em pasto, aptidão lavoura/pecuária, fazenda com benfeitorias, região consolidada na agricultura, toda plana. Geo, CAR, ITR e CCIR estão ok. Município de Bonópolis-GO. Fotos, informações, venda ou permuta, tratar com Maria José pelo telefone ou what'sApp: (16) 99776-1763 ou pelo e-mail: mjg@terra.com.br

VENDE-SE

- Imóvel urbano residencial com área total de 1.000 m², onde estão construídos um galpão amplo e uma casa de 284,95 m², localizado na rua XV de Novembro nº 668, centro, matrícula nº 11898, no município de Jaborandi /SP. Tratar com Valéria pelo telefone: (16) 99773-2615

VENDE-SE

- Vagão Casale, modelo Rotormix Express 65, com balança total, ano 2009. Tratar com Fernando pelo telefone: (16) 98149-2065

VENDE-SE

- Apto em Ribeirão Preto, edifício Pedro Manoel, localizado na rua Campos Sales, 890, apto 51, em frente ao shopping Santa Úrsula, 174 metros quadrados de área privativa, 4 dormitórios com duas suítes, varanda, elevador panorâmico, duas vagas de garagem com depósito privativo, lazer comple-

to. Valor: R\$ 700.000,00;

- Área disponível para arrendamento para plantação de amendoim em Santa Rita do Passa Quatro-SP. Tratar com Rodrigo pelo telefone: (11) 98319-9913

VENDE-SE

- Propriedade com 36,76 alqueires, localizada no município de Cravinhos (12 km de distância de Ribeirão Preto e 6 km de Bonfim Paulista). Com 1,25 km de frente para a rodovia (SP-255), ela é plana e retangular. O motivo da venda é para posterior investimento imobiliário. Tratar com Valter ou Sérgio pelos telefones: (16) 99705 4477 ou (16) 98126 8927

VENDE-SE

- Área comercial e industrial de 46.864,29 m², às margens da rodovia Armando Sales de Oliveira (SP-322), no bairro Água Vermelha, em Sertãozinho-SP. Tratar com Cláudio Agostinho Nadaletto pelos telefones: (16) 99773 1417 ou (16) 3942 2553

VENDEM-SE

- Venda permanente de gado leiteiro (raça Jersolando), vacas em lactação, novilhas e bezerras. Tratar com Marcelo pelo telefone: (16) 3242-2522 - Monte Alto - SP

VENDEM-SE

- Venda permanente de gado Gir P.O (Puro de Origem), vacas, novilhas e tourinhos;
- Gado Girolando, vacas e novilhas. Tratar com José Gonçalo pelo telefone: (16) 99996-7262

VENDEM-SE

- Cama de frango,
- Esterco de galinha para lavoura. Tratar com Luís Americano Dias pelo telefone: (19) 99719-2093

VENDEM-SE

- Mudanças de abacate enxertadas. Variedades: Breda, Fortuna, Geada, Quintal e Margarida. Encomende já a sua! Mudanças de origem da semente de abacate selvagem, selecionadas na enxertia para alta produção comercial. R\$ 15,00. Tratar com Lidiane pelo telefone: (16) 98119-9788 ou lidiane_orioli@hotmail.com

PRESTAÇÃO DE SERVIÇO

- Preparação de terra: adubação, tratamentos culturais em canavial, pulverização em soqueira, pulverização com drone e plantio com GPS. Tratar com Itamar pelo telefone: (17) 99670-5570 📞

CLASSIFICADOS COCRED

Oportunidades perfeitas
para o seu melhor negócio.

Acesse
sicoobcocred.com.br/classificados
e conheça os bens disponíveis em
nossa Seção de Classificados



IMÓVEIS URBANOS

Matrícula Nº 7.304 | Área útil: 400m² | Área construída: 266,75m² | Localizado na Rua Charles Lindemberg, nº 2-75, Parque Jardim Europa, no Município de Bauru-SP.



VEÍCULOS

Trator Agrícola New Holland T7.205 | Ano/Modelo: 2021 | Cor: azul | Horas trabalhadas: 9805,8

Veículo Volkswagen, Saveiro 1.6 CE Trooper | Ano/Modelo: 2011/2012 | Quilometragem: 86.633 km rodados
Chassi: 9BWL05U2CP093768 | Placa: EVS4J11 | Cor: Branca

Veículo Fiat, Uno Mille Economy | Ano/Modelo: 2012/2013 | Quilometragem: 151.409 km rodados
Chassi: 9BD15802AD6772187 | Placa: FFH4H98 | Cor: Prata

Veículo Toyota, Hilux CD SRX 4XA Aut | Ano/Modelo: 2019/2020 | Quilometragem: 84.679 km rodados
Chassi: 8AJBA3CD2L1630573 | Placa: EWU9I00 | Cor: Prata

Veículo Saveiro Trendline 1.6 T. 8v, Volkswagen | Ano/Modelo: 2017/2018 | Quilometragem: 240.797 km rodados
Chassi: 9BWKB45U4JP070010 | Placa: QND7H82 | Cor: Prata

Veículo Strada Freedom 1.3 8v | Ano/Modelo: 2021/2022 | Quilometragem: 28.662 km rodados
Chassi: 9BD281A31NYW74381 | Placa: FSQ8A57 | Cor: Vermelha

Veículo Kombi, Volkswagen | Ano/Modelo: 2010/2011 | Quilometragem: 273.693 km rodados
Chassi: 9BWMF07X1BP000365 | Placa: EPQ6F63 | Cor: Branca

Veículo Kombi, Volkswagen | Ano/Modelo: 2012/2013 | Quilometragem: 193.240 km rodados
Chassi: 9BWMF07X8DP004447 | Placa: FEC0E83 | Cor: Branca

Veículo HR HDB, Hyundai | Ano/Modelo: 2008/2008 | Quilometragem: 320.328 km rodados
Chassi: 95PZBN7HP8B005611 | Placa: EDH1D24 | Cor: Branca



TERRENOS

Lote Urbano com área de 19.912,53 m², matrícula nº 39.558, localizado na Rua Pedro Penharbel Molina, s/n - Jardim Bela Vista B, em Monte Alto (SP).

Terreno Urbano com área de 1.132,62 m², matrícula nº 17.199, localizado no Condomínio Residencial Jardim Tênis Clube, no município de Olímpia/SP.

Terreno Urbano com área de 144 m², matrícula nº 5.575, localizado na Rua Pedro Vitório de Lima, nº 37, Bairro Nossa Senhora Aparecida V, no município de Guaimbê/SP.

Lote Urbano com área de 1.319,45481 m², matrícula nº 84.467, localizado na Rodovia Teotônio Vilela, Bairro Guatambu, lote nº 33, quadra A, no condomínio de lotes denominado "Residencial Guatambu Park", em Birigui/SP.

Lote Urbano com área de 1.319,45481 m², matrícula nº 84.466, localizado na Rodovia Teotônio Vilela, Bairro Guatambu, lote nº 32, quadra A, no condomínio de lotes denominado "Residencial Guatambu Park", em Birigui/SP.

Lote Urbano com área de 1.319,45481 m², matrícula nº 84.465, localizado na Rodovia Teotônio Vilela, Bairro Guatambu, lote nº 31, quadra A, no condomínio de lotes denominado "Residencial Guatambu Park", em Birigui/SP.

Lote Urbano (denominado Chácara Nossa Senhora Aparecida) com área de 1.751,57 m², matrícula nº 55.632, localizado na Rua Santo Amaro, Bairro Vila Maria Izabel, Lote 01 Quadra 34, em Assis/SP.

Lote Urbano com área de 250,39 m², matrícula nº 187.428, localizado na Rua Carlos Roberto Pepe, lote número 9 da quadra número 23, Residencial Clube Jardins, no distrito de Bonfim Paulista, em Ribeirão Preto/SP.

Lote Urbano com área de 251,08 m², matrícula nº 187.090, localizado na rua Dezenove, lote número 12 da quadra número 7, Jardins Do Mirante, no distrito de Bonfim Paulista, em Ribeirão Preto/SP.



VAMOS FECHAR NEGÓCIO.

Tem interesse em algum item?
Entre em contato:

 (16) 2105-3800 | (16) 9 8131-5500

 patrimonio@sicoobcocred.com.br

cocred.com.br
 [sicoobcocred](https://www.instagram.com/sicoobcocred)


Vem crescer com a gente.



Cultura

Acesse: revistacanaieiros.com.br



Cultivando a Língua Portuguesa

Esta coluna tem a intenção de, maneira didática, esclarecer algumas dúvidas a respeito do português

Renata Carone Sborgia



Renata Carone Sborgia é formada em Direito e Letras. Mestre em Psicologia Social - USP. Especialista em Língua Portuguesa, Direito Público e Gestão Educacional. Membro imortal da Academia de Letras do Brasil. Prêmios recebidos: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Chagas. Livros publicados sobre a Língua Portuguesa, Educação, Literatura, Tabagismo e Enxaqueca. Docente, escritora, pesquisadora, consultora sobre português, oratória e comunicação.

1) Ele criou um IMPECILHO antes de viajar?

Sim! Enorme!

O correto: EMPECILHO

- Empecilho: substantivo masculino que significa algo que atrapalha, impede ou dificulta.
- É derivado do verbo EMPECER. Ex.: A ignorância pode ser um empecilho para o autoconhecimento.

2) Agradeço PELA PREFERÊNCIA!

Não cabe a gratidão com o erro de português!

Correto: AGRADEÇO A PREFERÊNCIA (e não À com acento grave/crase)

- A regência do verbo “agradecer” não usa a preposição POR ou PELO,PELA, mas sim o artigo definido A.

Correto: Agradecemos A você A preferência.

3) Está na moda tirar “uma fotinha” e postar na Rede Social?!

Nós sabemos: um erro gramatical!

- SEQUER (escrita junta): ao menos, nem mesmo
- SE QUER (escrita separada): caso queira, se deseja

Correto: Ninguém sabe SEQUER o que aconteceu!



Revista

CANAVIEIROS



+ de 26 mil exemplares por edição



Distribuída em todo o Brasil

+ de 60 mil seguidores nas redes sociais

Média de 10 mil acessos mensais no site oficial



Cooperado Cocred conta com o título de crédito que facilita os negócios no campo.

CPRF *Cédula de Produto Rural Financeira*

Um título que representa uma promessa de entrega futura de um produto agropecuário em troca de recursos para você investir no seu crescimento hoje.

Conheça alguns benefícios:



Isenção de IOF



Fácil contratação



Pagamento semestral ou anual



Área livre para o custeio

Fale com seu gerente ou visite uma agência Cocred.

SICOOB COCRED
Vem crescer com a gente.

Ouvidoria | 0800 725 0996
Atendimento Seg. a Sex. | 8h às 20h
Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458.
www.ouvidoriasicooob.com.br

Sujeito a análise cadastral.

Só quem nasceu no

Agro

oferece mais recursos para você crescer.





**LOJAS
COPERCANA**

mais perto de você,
mais perto do que
você precisa.



Ferragem | Magazine
Medicamentos e Nutrição Animal
Cama, Mesa e Banho | Piscina
Linha Automotiva | Jardinagem